

JOYCE NANCY DA SILVA CORRÊA

HISTÓRIA DAS DIVERSÕES EM RIO BRANCO, 1918 – 1927

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2019

JOYCE NANCY DA SILVA CORRÊA

HISTÓRIA DAS DIVERSÕES EM RIO BRANCO, 1918 – 1927

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para o título de mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e história do lazer.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2019

C824h Corrêa, Joyce Nancy da Silva
2019 História das diversões em Rio Branco, 1918 – 1927. [manuscrito] / Joyce Nancy da Silva Corrêa – 2019.
75 f., enc.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 73-75.

1. Lazer – Teses. 2. Rio Branco (AC) – Teses. 3. História - Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 143ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JOYCE NANCY DA SILVA CORRÊA

Às 09h00min do dia 05 de julho de 2019 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "*História das diversões em Rio Branco: 1918 – 1927*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (Orientador)	X	
Profa. Dra. Flavia da Cruz Santos (UFJF)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: _____

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.
Belo Horizonte, 05 de julho de 2019.

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias _____

Profa. Dra. Flavia da Cruz Santos _____

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa _____

AGRADECIMENTOS

É com grande alegria que escrevo essas palavras, para agradecer aos que, de alguma, forma fizeram parte da jornada que se concretiza com este trabalho.

Escrever um agradecimento a Eliza foi uma das partes mais difíceis de toda a escrita. É difícil resumir em palavras o tamanho da minha gratidão e carinho. Você deixou a jornada mais bonita e tranquila por todo o seu carinho e amor. Obrigada por ter tido tanta paciência quando eu ficava estressada ou ansiosa, pelo companheirismo de sempre estar ao meu lado, por ter lido com tanta atenção o meu trabalho e pelo cuidado de todos os dias. Obrigada!

Agradeço imensamente ao Cleber Dias, meu orientador e amigo, por todo o carinho, serenidade e empenho ao longo da pesquisa e por ter me ensinado tanto. Você é uma inspiração para mim.

Agradeço a minha mãe, meu pai e meus irmãos, o apoio de sempre, pois sem eles minha formação teria sido bem mais difícil.

Aos meus colegas de turma do mestrado, que nesses dois anos compartilharam comigo muitas aflições e risadas.

Aos meus amigos, Bruna pelos momentos de alegria em meio ao caos. A Ana minha parceira, que sempre acreditou no meu potencial e ao Pedro que me encorajou e incentivou a tentar a Universidade pública na graduação, quando até eu mesma duvidava da minha capacidade. Bruno, Débora e Laura, agradeço a amizade de vocês ao longo da graduação, na qual dividimos tantos momentos especiais juntos e pelo apoio que vocês me deram no mestrado, vocês são incríveis e foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

A Flávia Santos, ou Flavinha, como a chamo carinhosamente, gostaria de agradecer a amizade, o carinho e todo o incentivo na vida, além da delicadeza e profissionalismo dedicados ao meu trabalho desde o TCC.

Um agradecimento especial a todos do HISLA, com os quais tenho aprendido bastante.

Agradeço aos grandes professores que tive, aos quais contribuíram para a minha formação e me inspiram a ser uma profissional melhor a cada dia. E a UFMG, enquanto instituição e local de muito aprendizado.

Por fim, agradeço a Capes pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

RESUMO

A cidade de Rio Branco foi marcada por conflitos políticos, crise econômica e diversas reorganizações administrativas ao longo das primeiras décadas do século XX. Nesse interim surge e se desenvolve diferentes modalidades de diversão. Dentre elas, peças teatrais, festas religiosas, carnavalescas, cívicas e particulares. Esportes como o tiro, a regata e o cross-country figuraram a cena esportiva da cidade, mas foi o futebol o esporte mais afamado, com a criação de clubes, de uma Liga e com a disputa de torneios. O cinema, assim como o futebol, foi uma diversão reputada e duradoura, com destaque para o Eden-Cinema, espaço importante na história de Rio Branco até os dias atuais, pelo seu valor histórico. Esses ramos de diversões tinham em comum o envolvimento de pessoas que compunham a elite local. Mas havia as diversões “não úteis”, que englobava práticas similares às ditas úteis, porém eram realizadas por pessoas sem prestígio social. As diversões em Rio Branco surgiram em um período de crise econômica e tiveram fatores importantes para se desenvolverem. Entre estes, a diversificação do mercado, as ações individuais e o capital humano.

Palavras-chave: Diversão. Rio Branco. História. Lazer.

ABSTRACT

The city of Rio Branco was marked by political conflicts, economic crisis and several administrative reorganizations throughout the first decades of the twentieth century. In this interim arises and develops different modalities of fun. Among them, plays, religious festivals, carnival, civic and private. Sports such as shooting, regatta and cross-country included the city's sport scene, but football was the most famous sport, with the creation of clubs, a league and tournament competition. Cinema, as well as football, was a well-known and enduring diversion, highlighting the Eden-Cinema, an important space in the history of Rio Branco to this day, for its historical value. These amusements had in common the involvement of people who made up the local elite. But there were "non-useful" amusements, which encompassed practices similar to those said useful, but were performed by people without social prestige. The diversions in Rio Branco arose in a period of economic crisis and had important factors to develop. These include market diversification, individual actions and human capital.

Keywords: Entertainment. Rio Branco. History. Leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Extração do látex (a esquerda) e Desenho de Jean Chabloz, de 1943, mostra seringueiro produzindo as bolas de borracha (a direita).....	19
Figura 2: Mapa da divisão departamental.....	25
Figura 3: Quartel general das forças de ocupação, 1904.....	27
Figura 4: Prefeitura departamental, Volta da Empresa (Rio Branco), 1904.	31
Figura 5: Prefeitura de Rio Branco por volta de 1920. Prefeitura de Rio Branco por volta de 1920.	31
Figura 6: Principal rua do comércio sendo alagada, por volta de 1922.....	33
Figura 7: Eden Cinema (ao centro).	41
Figura 8: Quadro de apresentações teatrais ocorridas entre os anos de 1918 a 1927.....	49
Figura 9: Homenagem do comercio de Rio Branco ao governador Martins, na Tentamen em 1930.	61
Figura 10: Baile carnavalesco da Tentamen, 1932.....	61
Figura 11: Inauguração do Grupo Escolar.....	63
Figura 12: Praça Tavares de Lyra, por volta de 1918.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Exibição de filmes no Eden-Cinema, entre 1920 a 1927.	43
Gráfico 2: Frequência das festas, entre 1918 e 1927.	47
Gráfico 3: Frequência de apresentações teatrais entre os anos de 1918 a 1927.	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A RIO BRANCO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	16
1.1 A borracha	16
1.2 O Estado e a Cidade.....	23
1.3 Crônicas de Rio Branco.....	28
2. AS DIVERSÕES EM RIO BRANCO.....	38
2.1 O Cinema.....	38
2.2 As festas.....	43
2.3 Teatro.....	47
2.4 Os esportes.....	50
2.5 Diversões não úteis.....	55
2.6 Clubes recreativos e outros locais de diversão	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

A cidade de Rio Branco, atualmente é a capital do estado do Acre, localizada no norte do Brasil. O imaginário quanto à história da cidade, paira sobre um local interiorano, atrasado e desanimado. Porém este trabalho demonstrará que poderia até ser interiorano, inclusive pela distância da capital federal, na época, o Rio de Janeiro. E atrasada, estruturalmente, por consequências de conflitos históricos e políticos. Entretanto, não desanimada!

A Rio Branco do início do século XX experimentou o surgimento e o desenvolvimento de novas modalidades de diversões. No período, abriram-se cinemas, clubes de futebol, casas de diversões. Movimentaram a cidade os festivais, peças teatrais e as “soirées dançantes”¹. É necessário enfatizar que tais eventos e práticas aconteciam por intermédio da elite local, com pouco espaço para práticas de grupos populares.

Cidades como Rio Branco, que representam a hinterlândia brasileira, são pouco representadas na literatura especializada de história do esporte ou história das diversões. Dias expressa que:

Além de ausente ou sub-representada na literatura especializada, a história do esporte nas regiões mais pobres e afastadas dos centros de poder político e econômico, tende a reproduzir uma estrutura narrativa presente na historiografia brasileira, de modo geral. Trata-se do ponto de vista que reforça a suposta centralidade e influência dos acontecimentos das maiores cidades brasileiras, nomeadamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobre as demais regiões do país².

A cidade e o estado do Acre, de forma geral, são sub-representados até na literatura que se propõe ao estudo da região amazônica. Nessa perspectiva, pode-se destacar os trabalhos de Barbara Weinstein³ - sobre o ciclo da borracha na região amazônica - e o de Roberto Santos⁴ - sobre a história econômica também da região amazônica. Estes trabalhos, apesar das grandes contribuições, retratam, quase

¹ Festa, reunião social.

² DIAS, Cleber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la historia del deporte**, n. 10, 2012, p. 3.

³ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850-1920). Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

⁴ SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. v. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

exclusivamente, Manaus e Belém, sendo o Acre coadjuvante. De toda forma, a partir do ano 2000, são encontrados trabalhos dedicados à cidade de Rio Branco, sobretudo teses e dissertações. E foram leituras importantes para a construção desta pesquisa.

É importante destacar que as práticas de lazer ocorridas no período serão denominadas como “diversão” ao longo de todo o trabalho. Essa escolha se deve em razão de serem essas práticas assim retratadas nos jornais e documentos do período. E pela própria etimologia da palavra, como explica Melo antes de instaurar-se um termo que denomina uma prática social, a prática social em si já existe e em muitos casos são empregados outros termos para identifica-las⁵. Em outras palavras, as práticas culturais que hoje entendemos como “lazer” já existiam antes de serem denominadas desta forma. Nesse sentido, o uso sistemático do conceito “lazer” nos estudos brasileiros, data de meados dos anos de 1970⁶.

O trabalho tem como recorte temporal o período de 1918 a 1927, que foi determinado por ser 1918 o ano anterior à fundação dos primeiros clubes de futebol, das casas de diversão e da inauguração do Eden Cinema, instituições que marcaram a vida social da cidade. O ano de 1927 foi definido em razão das transformações estruturais da cidade, como a construção do mercado, ocorridas a partir de 1928, com a gestão do governador Hugo Carneiro (1927-1930), que levou para Rio Branco suas ideias modernistas, influenciado pelas transformações e retóricas vindas da Europa, como a racionalização dos espaços urbanos e a intensificação de mudanças de hábitos, para o que entenderia como modernos e civilizados⁷.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado como principal fonte os jornais do período, disponibilizados no acervo da Hemeroteca⁸ da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Foram lidas e analisadas todas as edições do jornal *Folha do Acre* (1910 - 1946), dentro do período estudado, que somam em torno de 300 edições, o folhetim era distribuído semanalmente as quintas-feiras e, de forma geral, tinham 4 páginas. Essa estratégia foi adotada para que se pudesse acompanhar o cotidiano da cidade e do Acre

⁵ MELO, Victor. Sobre o conceito de lazer. **Sinais sociais**. Sesc.v.8, n. 23, 2013.

⁶ SANTOS, Flávia. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)**. Tese (doutorado estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017; MELO, Victor. Sobre o conceito de lazer. **Sinais sociais**. Sesc.v.8, n. 23, 2013.

⁷ SOUZA, Sérgio. **Fabulas da modernidade no Acre**: a utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

⁸ Plataforma virtual.

como um todo, a frequência com que as práticas aconteciam, os atores principais da história das diversões, informações sobre a população, migração, costumes, política, economia, problemas cotidianos, entre outras informações. Se utilizada outra estratégia, como por exemplo, o filtro de buscas da Hemeroteca, provavelmente algumas informações não teriam sido encontradas. E como aponta Melo e Fortes, uma história do esporte (e nesse caso das diversões) vai se cruzar com muitas outras histórias em diversas dimensões, tais como a história econômica ou a história política⁹.

O jornal *Folha do Acre* foi escolhido por conter um volume maior de informações sobre as diversões, contendo inclusive colunas dedicadas a anunciar e descrever as práticas na cidade, como a coluna “Na tela e nos salões” dedicada as festas, peças teatrais e sessões de cinema. Além disso, por se dedicar a cidade de Rio Branco, e ter sido mais duradouro, se comparado com outros jornais que circularam na região no mesmo período¹⁰. No acervo da Hemeroteca constam edições de 1910 a 1946, com alguns períodos de intermitência. O *Folha do Acre* foi fundado em agosto de 1910, a princípio dizia-se ser “Órgão dos interesses do povo”. Na edição número 1, a primeira página foi dedicada a sua apresentação:

A Folha do Acre é o órgão das aspirações e dos ideais do povo acreano. É o espelho límpido em que se reflectirão todas as suas necessidades, é o interprete fiel de suas alegrias e de suas maguas. Por estas columnas defenderemos a sua cauza pugnaremos pelo seu progresso e pela sua liberdade, pelo seu engrandecimento material, moral e intelectual.

Somos políticos, mas a nossa politica é a politica larga, desinteressada e expontanea que só visa o interesse comum, o bem da colectividade, promovendo em seu seio a paz e a concordia, confraternizando todos os elementos na animadora espectraliva de dias mais felizes¹¹.

Entretanto, pouco tempo depois de sua fundação, em 1911 o jornal torna-se *Orgão do Partido Constructor Acreano*, também fundado naquele ano. Tal partido se caracterizava como evolucionista, em seu estatuto, no primeiro artigo, dizia-se ter por fim “trabalhar pelo progresso” e “concorrendo para o engrandecimento material, moral

⁹ MELO, Vitor. FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

¹⁰ Depois do *Folha do Acre*, o jornal mais duradouro circulou durante 10 anos. De forma geral os jornais em Rio Branco tinham uma curta duração de tempo nesse período.

¹¹ *Folha do Acre*. **Folha do Acre**, Cidade da Empreza, 14 de agosto de 1910, n. 1, p. 1.

e intelectual, por meio da propaganda pacífica das ideias evolucionistas e da prática da solidariedade entre os seus adeptos”¹².

O jornal dedicava-se em grande medida a expor e comentar atos e decretos do poder público e a vida política de Rio Branco, do Acre, do Brasil e de países europeus. Além disso, expunha notícias sobre o comércio da região e do exterior. O jornal denunciava e cobrava das autoridades a resolução de problemas. Comumente, nas últimas páginas, dedicava-se a vida social da cidade, como aniversários, casamentos, viajantes, visitantes e atividades sociais, como sessões de cinema e anúncios e descrições de jogos de futebol. Obviamente, as fontes não são neutras, carregam representações sociais, aspirações e tendências políticas.

É imprescindível enfatizar o papel dos jornais para processo civilizatório no período, onde o discurso proferido nas páginas dos jornais criava retóricas em torno dos costumes pretendidos. Como demonstra Vilhena:

A imprensa se caracteriza, então, como um dos veículos para pôr em prática um projeto de sociedade, justificando hábitos e condutas a serem cultivados, elogiando e reforçando alguns deles, omitindo e reprovando outros. Mais uma iniciativa capaz de educar o povo para as novas sensibilidades, maneiras e costumes, implicando também novas formas de lidar com o corpo, com o tempo e com o espaço da cidade¹³.

Diante disso, é necessário um olhar desconfiado sobre as notícias¹⁴. Nesse sentido, os jornais serão confrontados com outras fontes, como censos governamentais e outros trabalhos sobre a região.

Além dos jornais, serão utilizados para a construção do trabalho obras como os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relatórios governamentais, pesquisas históricas sobre a região, tais como a tese de Klein (2010) *A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 a 1945)*, o livro de Barbara Weinstein (1993) *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)* e o livro de Roberto Santos (1980) *História econômica da Amazônia (1800-*

¹² Lei orgânica do partido. **Folha do Acre**, Cidade da Empreza, 04 de junho de 1911, n. 40, p. 1.

¹³ VILHENA, Kellen. Teatro, cinema e outras diversões nos primórdios de Belo Horizonte. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (org.). **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 218.

¹⁴ TOSH, John. **A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis: Vozes, 2011.

1920). Esses são apenas alguns dos principais trabalhos que auxiliaram a pesquisa, apresentando o contexto político, social, cultural e econômicos do Acre e de Rio Branco.

De forma sucinta, o objetivo deste trabalho é estudar as diversões em Rio Branco, no período compreendido entre 1918 a 1927, buscando responder algumas questões que emergem das fontes: Como era a vida social em Rio Branco? Quais eram as práticas de diversão na cidade? A crise econômica advinda da desvalorização da borracha impactou as diversões? E se sim, de que maneira isso aconteceu? Quais eram as pessoas por detrás da organização das diversões?

O relativo isolamento da região não impediu que esforços para a organização de práticas de diversão condizentes com um imaginário de modernidade e cosmopolitismo fossem organizadas em Rio Branco – o que é surpreendente, dada as condições gerais que predominavam na região (baixa densidade demográfica, economia fechada e pouco monetizada, etc.). A crise do mercado internacional da borracha, diferente do que se dizia na própria época, parece ter desempenhado um efeito positivo sobre a região, na medida em que permitiu certa diversificação econômica e melhores condições para a oferta e o consumo de oportunidades de diversão comercial. Por fim, mais que condições sociológicas mais gerais, o papel e a atuação de indivíduos dotados de certo capital cultural, desempenhou um papel muito importante sobre a dinâmica de desenvolvimento histórico de certos divertimentos da região.

Para tanto, o trabalho foi estruturado em dois capítulos. O primeiro tem como foco apresentar a história da cidade e do estado do Acre. Apresentar o cotidiano da Rio Branco do início do século XX, e evidenciar as questões políticas, econômicas e principalmente sociais. O segundo capítulo abordará as diversões em Rio Branco; a fundação de clubes, de casas de diversões, a estruturação de campeonatos, o cinema, o teatro, as festas particulares, religiosas, assim como a organização das diversões, onde elas ocorriam, como as diferentes formas de diversão se relacionavam entre si e as diversões “não uteis”, além de destacar fatores importantes para o desenvolvimento das diversões na cidade. Mesmo entendendo que os diferentes fatores da história de Rio Branco estão interligados, foi feita a escolha metodológica de separar a história do estado e da cidade, da história das diversões.

1 A RIO BRANCO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

As linhas abaixo destinam-se a apresentar a história do estado do Acre, que no período estudado era um Território federal, e a história da cidade de Rio Branco, na tentativa de demonstrar a dinâmica social e as especificidades da região, para a compreensão do contexto em que as diversões se desenvolvem.

1.1 A borracha

O mercado da borracha foi muito representativo na economia regional e nacional, no final do século XIX e início do século XX. A produção da borracha até 1918 era o segundo produto agrícola brasileiro mais importante para a economia, perdendo apenas para o café. No início do século XX, chegou a representar 23,41% da exportação brasileira¹⁵.

O látex, matéria-prima da borracha, no período estudado foi o principal produto da economia local, influenciou a estrutura física da cidade e a vida social de seus habitantes. A produção da borracha era estratificada em diferentes setores e sujeitos. O seringal é o espaço propriamente dito, onde ficavam os seringueiros, quase uma espécie de feudo. O seringalista era o dono das terras e o patrão. O seringueiro era o empregado, a pessoa que passava dias no interior da mata em busca da *heveas brasilienses*, conhecida também como árvore seringueira, para a extração do látex. Havia ainda os aviadores, que trabalhavam nas casas aviadoras, uma espécie de intermediário na cadeia de produção e exportação; eram estes que negociavam e vendiam o produto para países da Europa e Estados Unidos e importavam outros produtos como pagamento pela borracha¹⁶.

A cadeia de aviamentos, como ficou conhecida toda a relação comercial da borracha, se constituía da seguinte forma: O seringueiro extraía o látex e passava-o para o seringalista, este vendia toda a produção do seu seringal a uma casa aviadora e a casa aviadora exportava a produção. Em troca da produção exportada, outros produtos eram

¹⁵ KLEIN, Daniel. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013; WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

¹⁶ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993; SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**, v. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

importados como forma de pagamento e faziam o caminho inverso a do látex até chegar aos seringueiros¹⁷.

As condições de vida e de trabalho dos seringueiros eram sub-humanas e por vezes de relação de escravidão por dívida. Depois da grande seca do Nordeste no fim do século XIX, que assolou o Ceará, um grande contingente de pessoas deslocaram-se para a Amazônia, na tentativa de enriquecimento rápido no mercado da borracha, ou simplesmente como uma alternativa de sobrevivência. Em Rio Branco, em 1904, havia aproximadamente 1.389 pessoas de origem cearense, o que representava 58,45% da população total da cidade¹⁸. O deslocamento dessas pessoas acontecia por empréstimo dos seringalistas, que buscavam mais mão de obra para a extração do látex. O jornalista Euclides da Cunha, que em viagem passou cerca de onze meses no Acre, descreveu com riqueza de detalhes como era essa relação:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num *gaiola* qualquer, de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no *barracão* senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, isto é, ainda não aprendeu o *corte da madeira* e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encajado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 *paneiros* de farinha d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o *brabo* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000¹⁹.

Além da dívida contraída antes mesmo do início do trabalho, havia algumas regras impostas pelos seringalistas, no qual os seringueiros só podiam comprar seus mantimentos nos armazéns do seringal em que trabalhavam. E os donos cobravam o preço que bem queriam, conseqüentemente aumentando a dívida. Ou seja, o patrão

¹⁷ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

¹⁸ KLEIN, Daniel. A Amazônia no Ciclo da Borracha: populações e economia no Acre, Amazonas e Pará entre 1880 e 1920. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 8, n. 2, p. 165 – 189, 2012.

¹⁹ CUNHA, Euclides. **À margem da história**. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. Ministério da cultura, 2015. p. 9.

lucrava tanto com a “venda” de mercadorias, quanto com o próprio negócio da borracha²⁰. Outra regra estabelecida entre seringueiros era a de não aceitar trabalhadores de outro seringal, que ainda não haviam quitado seus débitos. Quando tentavam fugir e não conseguiam, eram devolvidos aos seus respectivos seringais. Porém nos lugares de escassez de mão-de-obra, seringalistas rivais não hesitavam em oferecer proteção a seringueiros fugitivos. De toda forma, poucos eram os que conseguiam saldar a dívida. Aparentemente eram pessoas livres, mas devido aos seus débitos viviam em uma relação de servidão²¹.

Os seringueiros passavam meses mata adentro em busca das árvores de seringa, espalhadas pela floresta amazônica, havendo duas ou três árvores por hectare²². Essas pessoas ficavam a mercê da sorte, isoladas na mata, em privação de boa alimentação - já que se alimentavam, sobretudo, de enlatados²³. Temiam por se deparar com animais selvagens, peçonhentos e insetos, sendo os mosquitos um de seus maiores inimigos. Contrair malária, doença de Chagas e leishmaniose eram uma fatalidade quase inevitável²⁴. Como resume Weinstein, o seringueiro “trabalhando sozinho, frequentemente vivendo sozinho, afligido pelo calor intenso, pela fauna mortífera e por inúmeras doenças”²⁵; muitos morriam de beri-beri²⁶, impaludismo, disenterias, gripes, entre outras doenças.

Para a atividade de extração do látex, os seringueiros faziam cortes nas árvores seringueiras, e o líquido branco chamado de goma elástica ou látex, escorria para potes que eram colocados logo abaixo das fissuras. Após recolher todo o material retirado das

²⁰ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

²¹ Ver: WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993; CUNHA, Euclides. **A margem da história**. São Paulo: Ministério da Cultura, 2015; PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194 (106), ago. 2005; BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização**. 1. ed. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012; SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. v. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

²² 1 hectare é equivalente a 10.000 m².

²³ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

²⁴ CUNHA, Euclides. **A margem da história**. São Paulo: Ministério da Cultura, 2015; WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

²⁵ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 42.

²⁶ Doença causada por falta de vitamina B1.

árvores, os seringueiros dentro de abrigos, denominados de “Tapiri”, enrolavam o líquido em pedaços de madeira, sob o fogo, formando uma espécie de bola²⁷ - como é possível observar nas imagens abaixo. Essa técnica foi aprendida com os povos indígenas do Amazonas pelo naturalista francês Charles Marie de La Condamine. Como mostra Bueno

Somente em 1839 Charles Goodyear aperfeiçoou o processo de vulcanização, o que permitiu usar a borracha em rodas dentadas, correias, mangueiras, telhas, suspensórios, sapatos e capas de chuva. Mas o grande boom no consumo da borracha viria mesmo com a mania da bicicleta, inventada em 1890, seguida da popularização do automóvel, a partir de 1900 (Ford construiu seu primeiro carro em 1896). A fabricação de pneus, portanto, alteraria completamente o equilíbrio do mercado de borracha, que durante algumas décadas seria dominado pela produção amazônica²⁸.

Figura 1: Extração do látex (a esquerda) e Desenho de Jean Chabloz, de 1943, mostra seringueiro produzindo as bolas de borracha (a direita).



Fonte: BUENO (2012).

A cadeia de aviamentos, no mercado da borracha, era cheia de contradições. Nessa cadeia, os seringalistas na ânsia de lucrar o máximo possível com a borracha,

²⁷ BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. 1. ed. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.

²⁸ BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. 1. ed. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012. p. 34.

estabeleceram um mercado frágil²⁹. Eles tentavam lucrar na produção do seringueiro, que geralmente estava endividado, então não recebia pela produção. E na venda de produtos superfaturados no armazém do seu respectivo seringal, no qual os seringueiros só podiam comprar no seringal em que trabalhava, conseqüentemente aumentando sua dívida. O patrão raramente pagaria o seringueiro com dinheiro, nessa relação de crédito. “Isso era indispensável, não só porque a maioria dos comerciantes carecia cronicamente de liquidez, como também porque um seringueiro com dinheiro no bolso teria condições de comprar mercadorias de outros aviadores, sem estar violando seu “acordo” comercial com o patrão”³⁰. Mantendo assim a relação de dependência da cadeia de aviamentos.

Os seringalistas negociavam a produção da borracha nas denominadas casas aviadoras, quase em forma de escambo, ou seja, trocavam a borracha por mercadorias, havendo pouca transação e circulação monetária. Essas casas aviadoras levavam a produção do Acre para portos de Manaus e Belém, onde seriam exportadas. Em sentido contrário outros produtos chegavam por embarcações. Todo esse trâmite acentuava o preço das mercadorias, além do superfaturamento dos seringalistas³¹. Os produtos no Acre chegavam a custar três vezes mais do que no Rio Janeiro, por exemplo; um saco de açúcar na capital custava entre 250 e 500 réis, enquanto na Amazônia chegava ao valor de 1\$500 réis³².

Nessa relação os aviadores adiantavam a entrega de produtos, antes que os seringalistas levassem a produção da borracha, gerando uma dívida.

Ao longo da cadeia de produção e comércio da borracha quase que não havia, então, a circulação monetária pelo pagamento dos produtos nas diversas esferas dessa rede. O que imperava nesse cenário era a presença das dívidas entre as partes, que poderia se mostrar letal para a sustentação das empresas em épocas de crise³³.

²⁹ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

³⁰ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p 39.

³¹ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

³² KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

³³ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 148.

O preço da borracha até 1910 teve um crescimento vertiginoso, chegando a custar 10.050 reis por quilo. Nos 5 anos anteriores o preço variou de 4.935 (1908) a 7.960 (1909)³⁴. O preço do quilo da borracha foi instável durante todo o início do século XX, com baixas e altas. Entretanto, o mercado sempre se recuperava. Quando a concorrência asiática adentra o mercado internacional, fruto de um contrabando ocorrido anos antes, a economia local entra em colapso.

Como se sabe, a história do controle inglês e holandês sobre a produção de borracha no mundo se iniciou com o contrabando de sementes da *hevea brasiliensis* feito por Henry Wickham em 1876, com a consequente aclimação das plantas no Kew Garden, em Londres, e sua posterior adaptação no Ceilão, possessão britânica, e em Java, território holandês. Graças ao manejo do cultivo da *hevea*, em substituição ao modelo extrativista em meio à selva amazônica, foi possível aumentara produção de tal forma que as 512 libras a tonelada de borracha brasileira caíram para 100 libras a borracha asiática³⁵.

Até então, o Brasil tinha a hegemonia da produção e dominava o mercado. Com a concorrência, o mercado brasileiro sofreu com sucessivas quedas no preço da borracha³⁶. No ano de 1911 o preço médio foi de 5.705 réis por quilo, essa foi a tendência dos anos seguintes, chegando em 1920 a custar 2.400 réis o quilo³⁷. Com a concorrência asiática e as contradições na cadeia de aviamentos, instaura-se sobre todos os Estados do ciclo da borracha (Acre, Manaus e Pará), uma aguda crise financeira³⁸, agravada pelos preços recordes alcançados no ano de 1910.

A economia do Acre no final do século XIX e início do XX era toda ancorada no mercado da borracha. Praticamente não havia produção interna de produtos de subsistência; tudo era comprado de outros Estados ou países. Com a crise da borracha, vários seringais fecharam ou diminuíram drasticamente suas atividades. Como

³⁴ SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. v. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

³⁵ BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização**. 1. ed. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012. p. 97.

³⁶ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

³⁷ SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. v. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

³⁸ Sobre a crise da borracha ver: PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194 (106), ago. 2005; PONTES, Carlos. O primeiro ciclo da borracha no acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre**, v.1, n.1, p. 107 – 123, 2014.

consequência, a receita do governo do Acre reduziu-se de 19,868 contos em 1910 para 5.610 contos em 1915³⁹, uma redução de quase 75% em apenas cinco anos.

Como aponta Souza, em “decorrência da crise de alimentos, que por sua vez fora resultado da crise da borracha que ia se aprofundando, os seringueiros começaram a cultivar roçados de subsistência, a criar animais e plantar árvores frutíferas em suas colocações, práticas terminantemente proibidas pelos patrões, até o início da crise da borracha”⁴⁰. Com a crise, em suma, os acreanos passaram a investir mais na produção de outros mercados, como por exemplo, a produção da castanha, que em princípios de 1920, se tornou o segundo produto mais exportado na região. Em 1921 a cotação da castanha foi de 23\$000 por hectolitro (equivalente a 100 litros) e o de borracha 1\$700 o quilo⁴¹. Outros dados apontam que entre 1921 a 1930 o Acre produziu aproximadamente 5 mil toneladas de castanha⁴², sinalizando que o produto de fato ia se tornando importante para a economia local.

Com a crise financeira e o colapso da cadeia de aviamentos, houve crise de alimentos que levou ao racionamento e provocou fome a uma parte da população. Nesse período de crise, produzir alimentos para a população local era um negócio rentável. Conforme Klein, “como a cidade não possuía uma zona rural com ramais ou vias de escoamento, a produção desses alimentos tinha que ser o mais próxima possível da zona urbana”⁴³. Espalharam-se pela cidade hortas, plantações e currais para a criação de bovinos. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Rio Branco caracterizava-se com aspectos rurais, de uma economia agroextrativista.

Os anos que se seguiram na crise, tiveram uma diminuição da atividade comercial, e com isso abre-se espaço para a diversificação da economia⁴⁴. A elite local voltou-se para o negócio da castanha-do-pará, extração madeireira, empreendimentos

³⁹ SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. Vol. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

⁴⁰ SOUZA, Sergio. Poder público, saberes médicos e medicina popular no Território do Acre (1904-1930). **Muiraquitã**, UFAC, v. 3, n. 2, 2015, p.195.

⁴¹ Borracha e castanha. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de março de 1921, n. 349, p. 2.

⁴² MIRANDA, Mariana. Surtos de Crescimento em Rio Branco – AC. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, v. 3, n.1, p. 101-128, 2013.

⁴³ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 175.

⁴⁴ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 300.

imobiliários, comércio, cargos burocráticos e políticos⁴⁵ e para o mercado de fornecimento de produtos de subsistência. Provavelmente por isso, mesmo em período de crise da borracha, intensificaram-se a dinâmica esportiva e das diversões, diversificaram-se a estrutura produtiva e abriu-se espaço no mercado para empreendimentos culturais como cinemas e casas de diversão. Ou seja, a crise do mercado da borracha, apesar de ser frequente objeto de preocupação de certos setores da elite acreana, acaba por gerar novas dinâmicas e mais oportunidades econômicas. A pequena dinamização do mercado do entretenimento urbano que ganha vida em Rio Branco a partir, justamente, do aprofundamento da crise do mercado internacional da borracha é um exemplo.

1.2 O Estado e a Cidade

O estado do Acre foi o último Território a ser anexado ao Brasil, ocorrendo apenas em 1903 com o tratado de Petrópolis⁴⁶. Nesse momento, a região passou a ser Território brasileiro. Antes do acordo, aquelas terras de mata amazônica pertenciam à Bolívia. Entretanto, eram terras majoritariamente ocupadas por brasileiro, proprietários ou trabalhadores dos seringais⁴⁷. Fruto dos tempos coloniais, a demarcação da fronteira entre Brasil e Bolívia não era clara, entre outros fatores, por ser aquela região ainda desconhecida do poder público e de difícil acesso. O processo de anexação do Acre ao Brasil foi turbulento.

Com a descoberta das funcionalidades da borracha, a extração do látex se tornou um mercado lucrativo. No final do século XIX, Manaus e Belém já eram grandes polos de extração de látex. As expedições em busca de mais árvores seringueiras levaram cada vez mais os seringais para o interior da mata amazônica⁴⁸, chegando à região acreana. Entretanto, o Acre não era uma terra despovoada. Naquele período existiam várias comunidades indígenas na região. E com o óbvio conflito de interesses, a mata se

⁴⁵ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

⁴⁶ O Tratado de Petrópolis foi assinado em 17 de novembro de 1903, em Petrópolis no Rio de Janeiro, por isso o nome do acordo.

⁴⁷ COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. Rio Branco: Fundação Cultura/Ministério da Cultura, 1998.

⁴⁸ ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. - Rio Branco: SEMA. Acre, 2010.

tornou uma terra sem lei. Os seringueiros entraram em conflito com os indígenas, nas chamadas “correrias”⁴⁹. Como demonstra o relato a seguir:

E à medida que os seringais iam sendo criados à margem dos rios, os conflitos entre os nordestinos e os primeiros habitantes do Acre, os povos indígenas, foram ocorrendo - na perspectiva de que não se ocupa uma terra que já é habitada sem resistência por parte dos que se encontravam na região - passaram a ocorrer então as chamadas correrias que junto a outros fatores, como as doenças trazidas pelo branco levaram à completa destruturação das sociedades indígenas que aqui já se encontravam a milhares de anos⁵⁰.

Os indígenas que sobreviveram tinham duas opções: ceder a atividade extrativa e se tornar um seringueiro, ou fugir para partes mais isoladas da mata. Após o conflito pela exploração da terra, os seringueiros/seringalistas enfrentariam outros conflitos. A Bolívia, percebendo o potencial econômico do Território acreano, tenta arregimentar aquelas terras. O governo brasileiro, desconhecendo a situação material e social da região, cede o Território aos bolivianos. De acordo com Pires e Da Nobrega:

A partir de 1900 brasileiros e bolivianos vão disputar o território utilizando-se dos pequenos povoados preexistentes e adjudicá-los como base da fiscalização e tributação, do controle civil e da instalação de cargos e instituições governamentais de afirmação do seu domínio. Inicialmente, os bolivianos, em função de garantir a autoridade sobre a área, instituíram a cobrança de impostos centralizados na fundação da cidade de Puerto Alonso, hoje Porto Acre no Brasil⁵¹.

O governo brasileiro ao ceder o Território e a instituição de impostos bolivianos sobre o látex, resultou na revolta dos brasileiros que ali já estavam estabelecidos. Comandados por Plácido de Castro⁵² e financiados pelo governo do estado do Amazonas - que tinha um claro interesse econômico na região -, entraram em confronto com as tropas bolivianas, vencendo-os. Esse conflito ficou conhecido como “Revolta

⁴⁹ CUNHA, Euclides. **A margem da história**. São Paulo: Ministério da Cultura, 2015; ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. - Rio Branco: SEMA. Acre, 2010.

⁵⁰ BEZERRA, Maria; NEVES, Marcos. Trajetórias Acreanas – Índios, Seringueiros, Ribeirinhos, Sório-Libaneses e Sulistas Como Atores da Formação do Acre. *In*: ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010, p. 34.

⁵¹ PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

⁵² Plácido de Castro era um militar de origem gaúcha, que liderou a revolta acreana.

acreana”⁵³. A partir da revolta dos acreanos, o governo brasileiro tomou ciência da situação. Foi quando em 1903, o então ministro das relações exteriores do Brasil, Barão de Rio Branco, propõe o acordo que recebeu o nome de Tratado de Petrópolis, no qual as delimitações da fronteira entre Brasil e Bolívia ficaram mais claras e o Acre se tornou oficialmente Território brasileiro⁵⁴.

Depois de estabelecido o acordo, o Acre se tornou Território federal, ou seja, administrado diretamente pela União. Para tal administração, a princípio, o Território foi dividido em três departamentos autônomos – Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá. Ou seja, o Território foi dividido em três partes, com mostra a figura a seguir, com administrações independentes, cada departamento era administrado por um prefeito, indicado pelo presidente da república⁵⁵.

Figura 2: Mapa da divisão departamental.



Fonte: SOUZA (2002).

O Acre é cortado por muitos rios, e esses se tornaram referência de localização, nome dos departamentos da primeira organização administrativa, inspiração de nomes para algumas cidades, inclusive para o próprio Estado, que recebeu o nome em homenagem a um dos principais rios da região, o rio Acre, que corta ao meio a cidade

⁵³ COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. Rio Branco: Fundação Cultura/Ministério da Cultura, 1998.

⁵⁴ Ver: COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. Rio Branco: Fundação Cultura/Ministério da Cultura, 1998; ANDRADE, José; LIMOEIRO, Danilo. Rui Barbosa e a política externa brasileira: considerações sobre a Questão Acreana e o Tratado de Petrópolis (1903). **Rev. Bras. Polít. Int.** v. 1, n.46 p. 94-117, 2003

⁵⁵ PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

de Rio Branco. Além do mais, os rios até os dias atuais são uma via de transporte. No início do século passado, a via fluvial era o único meio de acesso à região. Para se ter noção de quão longínqua, “ali só se chegava de vapor após uma extenuante viagem de mais de mil quilômetros partindo-se de Manaus”⁵⁶.

Ao final da Revolta Acreana em 1903, o governo brasileiro enviou ao Acre uma tropa de militares, para organizar a região, o que acelerou a ocupação daquelas terras. O general responsável pela operação, Olympio da Silveira, instalou-se com sua tropa de aproximadamente mil soldados na área que compreendia o seringal Volta da Empresa e lá “construiu casas, enfermaria e prédios públicos para a intendência municipal”⁵⁷. Não se sabe exatamente os motivos, mas especula-se que a escolha de Volta da Empresa aconteceu pelo fato do general conhecer o primo de Neutel Maia - proprietário daquele seringal - que havia sido do Exército.

Maia cedeu parte das suas terras para a instalação da capital do departamento do Alto Acre. Como um empresário em busca de lucro, viu a oportunidade de vender terras, casas, alugar prédios pela cidade e exercer influência política. Quando o general Olympio da Silveira chegou em 1903, a cidade era precária e insalubre e chamava a atenção pela mortalidade de seus habitantes⁵⁸.

Em 1903 instalou-se nas terras cedidas pelo seringalista, a sede do departamento do Alto Acre⁵⁹. Porém aquela porção de terras era desfavorecida no período das chuvas (principalmente nos meses de janeiro e fevereiro), na qual todos os anos havia alagamentos, causando transtornos para as repartições públicas⁶⁰.

⁵⁶ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 279.

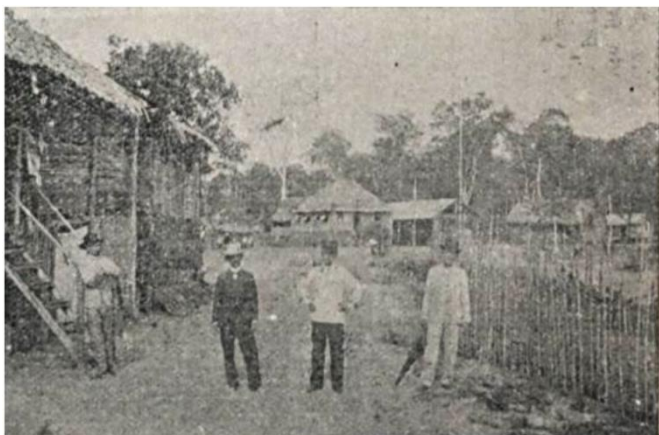
⁵⁷ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 159.

⁵⁸ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁵⁹ COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. Rio Branco: Fundação Cultura/Ministério da Cultura, 1998.

⁶⁰ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Figura 3: Quartel general das forças de ocupação, 1904.



Fonte: O Malho, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1905, Ano IV, n.149.

Alguns anos depois, por volta de 1909, o então prefeito do departamento do Alto Acre, Gabino Besouro, mudou a administração do departamento para as terras do outro lado do rio Acre, que recebeu o nome de Pennapolis – em homenagem ao presidente Afonso Pena que falecera naquele ano. Poucos anos depois, em 1912, a área que compreendia Penápolis e Volta da Empresa se tornam a Vila Rio Branco. O nome da cidade (naquele momento vila) foi dado em homenagem ao Barão de Rio Branco, cuja ação diplomática resultou no Tratado de Petrópolis. No ano seguinte (1913), a Vila Rio Branco foi elevada a categoria de cidade⁶¹ e capital do departamento do Alto Acre - um dos departamentos que compunha a divisão administrativa do Território⁶².

Com a intensificação do movimento autonomista, que tinha por objetivo a autonomia do Acre quanto ao governo federal, na tentativa de controlar a situação, o governo federal reorganizou a administração do Território. Com isso, no ano de 1920, centralizou a administração em um único governador, tornando a cidade de Rio Branco a capital de todo o Território do Acre e nomeou Epaminondas Jacome como dirigente. Apenas em 1962 o Acre deixou de ser um Território e foi elevado a categoria de Estado⁶³.

⁶¹ BRASIL. Ministerio da agricultura, indústria e commercio. **Recenseamento do Brazil 1920**. Typ. Da estatística, Rio de Janeiro, 1927.

⁶² PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

⁶³ Governo Estadual do Acre, 2018. Retirado de <http://www.ac.gov.br/wps/portal/acre/Acre/estado-acre>. Acessado em 05 de março de 2018.

1.3 Crônicas de Rio Branco

A região hoje compreendida como a cidade de Rio Branco, começou a ser ocupada por volta de 1880, pelo seringalista de origem cearense, Neutel Maia. Ele, ao perceber o potencial lucrativo da região, conseguiu do governo do Amazonas a posse das terras, onde abriu vários seringais, dentre eles o Volta da Empresa, que depois se tornou a vila Rio Branco, e o Empresa, do outro lado do rio Acre, que deu origem a Pennapolis, como vimos antes. Neutel Maia não foi sozinho para essa empreitada. Depois de adquirir as terras, ele alugou uma embarcação e mandou buscar no Ceará vários familiares, que também se estabeleceram no Acre e abriram seringais. Maia tinha um grande número de terras, uma ao lado da outra, formando um grande empreendimento⁶⁴.

A cidade de Rio Branco, assim como todo o Acre, no final do século XIX e início do século XX, tinha como principal atividade econômica a extração do látex. Ou ainda, a cidade e o estado desenvolveram-se a partir da borracha, “os núcleos que deram origem as cidades localizaram-se e organizaram-se em função da lógica da atividade extrativa gomífera”⁶⁵.

No início do século XX a atividade de extração gomífera era bem atrativa, o que seduziu muitos migrantes. Mudar-se para a região amazônica aparecia como uma chance de enriquecimento rápido. Além do almejado lucro na extração da goma, outros fatores como o crônico período de seca que assolou o sertão do Nordeste no fim do século XIX, e o fomento estatal e empresarial em favor desse movimento, contribuíram para esse fluxo migratório. Havia ainda na região imigrantes sírios, portugueses, bolivianos, judeus e armênicos⁶⁶.

⁶⁴ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁶⁵ PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194 (106), ago. 2005, p. 6.

⁶⁶ Ver: KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013; PONTES, Carlos. O primeiro ciclo da borracha no acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre**, v.1, n.1, p. 107 – 123, 2014; PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

É relevante destacar a imigração de sírio-libaneses, que junto aos cearenses tiveram grande influência na cultura acreana. Estabeleceram-se na cidade a partir do comércio, em diferentes ramos comerciais. “Como essas lojas normalmente se concentravam numa área específica da cidade, ruas inteiras passaram a ser dominadas pelos árabes”⁶⁷. Com a prosperidade do comércio “os árabes do Acre começaram a participar da maçonaria, dos clubes políticos, da fundação de clubes esportivos e de diversas outras atividades que lhes davam prestígio social”⁶⁸ e os inseria na elite local. Como exemplo, o “Gabinete Árabe de Leitura” criado em 1927⁶⁹.

A população acreana só aparece nas estatísticas demográficas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1920. De acordo com os dados, neste ano o Território contava com uma população de aproximadamente 92 mil pessoas⁷⁰, com uma densidade demográfica de 0,60 hab/km², ou seja, menos de 1 habitante por quilometro quadrado, em comparação, a cidade do Rio de Janeiro no mesmo período, tinha uma densidade demográfica de 922 hab/km². Entretanto a população das comunidades indígenas não foi inserida nos primeiros censos feitos no local, por serem considerados “não civilizados”⁷¹. Devido à exclusão dos povos indígenas e a difícil acessibilidade de algumas regiões do Acre, é possível especular que a população fosse maior do que o dito nos dados. Em 1920 a cidade de Rio Branco contava com uma população de 19.930 habitantes⁷². Segundo uma notícia do jornal *Folha do Acre*, afirma que nas zonas urbana e suburbana contavam-se “1.314 casas e barracas”⁷³.

⁶⁷ BEZERRA, Maria; NEVES, Marcos. Trajetórias Acreanas – Índios, Seringueiros, Ribeirinhos, Sírio-Libaneses e Sulistas Como Atores da Formação do Acre. in: ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010, p. 34.

⁶⁸ *Idem*

⁶⁹ Gabinete árabe de leitura. **Folha do Acre**, Rio Branco, 02 de outubro de 1927, n. 591, p. 4.

⁷⁰ Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00. Acessado em 10 de março de 2017.

⁷¹ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁷² Dado retirado do censo do IBGE de 1920. <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> – acessado em 15 de agosto de 2018.

⁷³ **Folha do Acre**, Rio Branco, 25 de agosto de 1921, n. 374, p. 1.

Rio Branco, que desde 1920 é a capital do Acre⁷⁴, assim como do Território e depois também do Estado, é cortada pelo rio Acre, que divide a cidade em dois distritos. A margem direita encontrava-se o 2º distrito e a margem esquerda o 1º distrito. No período da década de 1920, a região do 1º distrito (Pennapolis) era a parte administrativa da cidade, onde encontravam-se a Sede do Governo e a Residência Oficial do Governador; no 2º distrito (Rio Branco) encontrava-se a parte comercial da cidade onde sírios, libaneses e portugueses exerciam certo controle dessas atividades⁷⁵.

De acordo com Souza, o cenário da cidade era composto por “casas de madeira com cobertura de telha de barro ou palha construídas predominantemente, de forma conjugada”⁷⁶. Isso se dava pelo fato de serem materiais mais acessíveis e consonantes com o clima da região. Tijolos e cimento não eram materiais produzidos em Rio Branco e deveriam ser encomendados em outras cidades, o que elevaria muito o custo da construção. Esse era o modelo de construção, inclusive de casas governamentais, algo que foi destacado no jornal *Folha do Acre*. Segundo a notícia, “não se poderá dizer que uma casa coberta de palha seja lugar seguro para um cartório, onde estão depositados livros de escrituras e outros de alto valor”⁷⁷. Outra notícia reclama das condições do fórum que havia sido construído de madeira, como outras casas da cidade: “A velha casa que serve para as audiências da justiça local está de tal modo arruinada que exige, sem grande demora, uma providencia no sentido de melhoral-a”⁷⁸.

⁷⁴ Ver: site oficial da cidade <http://www.riobranco.ac.gov.br/index.php/rio-branco.html>. Acessado em 10 de julho de 2018.

⁷⁵ SOUZA, Sérgio. **Fabulas da modernidade no Acre**: A utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

⁷⁶ SOUZA, Sérgio. **Fabulas da modernidade no Acre**: A utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002, p. 34.

⁷⁷ Reclamação. **Folha do Acre**. Rio Branco, 23 de maio de 1918, n. 239, p. 2.

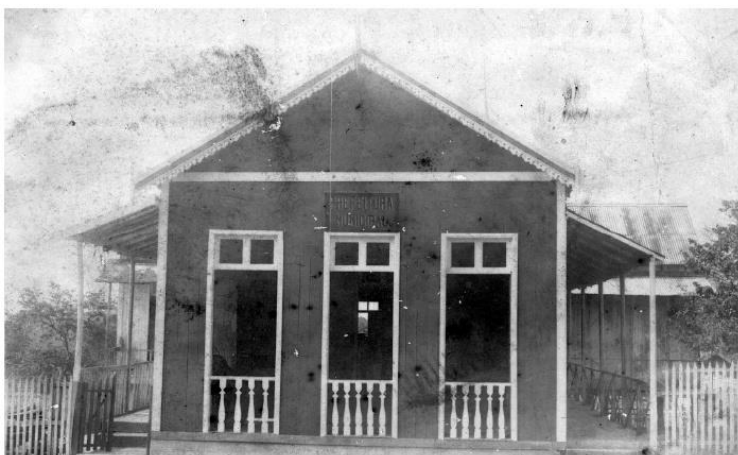
⁷⁸ **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de janeiro de 1921, n. 344, p. 1.

Figura 4: Prefeitura departamental, Volta da Empreza (Rio Branco), 1904.



Fonte: Foto de Emilio Falcão. KLEIN (2013).

Figura 5: Prefeitura de Rio Branco por volta de 1920. Prefeitura de Rio Branco por volta de 1920.



Fonte: Álbum Rio Branco Antiga. KLEIN (2013).

As diversas reclamações dirigidas à administração não paravam por aí, pareciam fazer parte do cotidiano da cidade animais soltos nas ruas e protagonizando reclamações. Na nota, dizia haver na cidade uma postura municipal, que proibia o tráfego de animais soltos, porém no bairro direito da cidade “a fiscalização é activa, não permitindo os abusos. O mesmo, porem, não acontece, em Pennapolis, aquillo parece uma fazenda particular, onde cada um pode ter os seus animaes sem que a fiscalização municipal os incomode”⁷⁹. A cidade de Rio Branco não sofria apenas com animais

⁷⁹ Doloroso quadro!. **Folha do Acre**, Rio Branco, 02 de junho de 1921, n. 362, p. 1.

soltos, a falta de infraestrutura e manutenção dos espaços, eram problemas recorrentemente retratados pelos jornais. Algo que ia contra os novos ideais de modernidade e civilidade da época. Nesse sentido, os jornais tentavam exercer uma função educativa, disseminando os novos princípios em voga⁸⁰.

Uma das reclamações mais habituais era quanto aos matagais que se formavam nas principais ruas da cidade, “disseram nossos reclamantes que até o ponto onde reside o sr. coronel intendente a rua acha-se limpa; d’ali para diante é um verdadeiro matagal – além de cheia de matto sem iluminação”⁸¹. As reclamações demonstram que a pouca manutenção que havia, ocorria em lugares próximos a casas de pessoas tidas como importantes.

A iluminação pública era outro problema do cotidiano dos rio-branquenses, a cidade passava mais dias às escuras do que iluminada. Esse cenário perdurou durante todo o período estudado. As notícias apontavam que isso se devia a má qualidade dos materiais usados nas instalações. De acordo com uma notícia do jornal *Folha do Acre*, “a luz elétrica quando não deixa toda a cidade em trevas completa, funciona num só bairro unicamente. É mesmo um material de primeiríssima esse que foi empregado no serviço de eletricidade e que o público não sabe ainda quanto custou”⁸².

Havia outros tantos problemas cotidianos em Rio Branco. Talvez o problema rotineiro mais grave fossem as enchentes que ocorriam no início do ano e devastavam casas, comércios, deixavam ruas esburacadas e arruinavam pontes. A cidade de Rio Branco se constituiu ao entorno do rio Acre e no período de chuvas, o rio se enchia e transbordava, alagando a cidade, como é possível perceber na imagem (figura 6), porém de tão recorrentes, as enchentes passaram a fazer parte do cotidiano da cidade. A notícia a baixo demonstra a situação:

O [rio] Acre nos últimos dias tem enchido e continua a encher com uma impetuosidade assombrosa. Os pontos mais baixos do bairro Empreza, estão cobertos d’agua. A rua Portugal está completamente deserta, abandonada pelos seus moradores. O hotel Madrid e a casa a Brazileira á hora em que escrevemos, 2 da tarde, estão ameaçados pelas aguas. O dr. Intendente tem tomado providencias no sentido de facilitar o trasito na cidade, pondo a

⁸⁰ VILHENA, Kellen. Teatro, cinema e outras diversões nos primórdios de Belo Horizonte. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (org.). **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

⁸¹ Uma reclamação dos moradores da rua 6 de Agosto. **Folha do Acre**, Rio Branco, 31 de agosto de 1922, n. 427, p. 2.

⁸² Com a Intendencia. **Folha do Acre**. Rio Branco, 11 de abril de 1918, n. 233, p. 1.

disposição do publico, um motor e diversas canoas. Hontem e hoje o fiscal da Intendência, acompanhado de uma turma de trabalhadores, construiu em diversas partes, ligeiras pontes ligando os pontos mais altos. Entre a Pharmacia Acreana e a Barbearia Manduca, as aguas formaram uma cachoeira que ameaça as edificações ali construídas. O dr. Intendente, conseguiu com o dr. Prefeito e com o sr. Leon Hirsch, o prédio em que funciona o Grupo Escolar e uma casa na rua do Commercio, respectivamente, para asylar as famílias pobres, cujas casas foram tomadas pelas aguas⁸³.

Figura 6: Principal rua do comércio sendo alagada, por volta de 1922.



Fonte: Álbum Rio Branco Antiga, Klein (2013).

O saneamento básico era precário. Souza aponta que não havia rede de esgoto em 98% da cidade na década de 1920 e nem lugar apropriado para o lixo; os dejetos eram jogados nos rios, nas ruas ou acumulavam-se em terrenos baldios⁸⁴. Isso gerava transtornos para a população e notícias nos jornais. Diferente do que acontecia, por exemplo, em Belém, que na primeira década do século XX, já contava com serviço de cremação do lixo, no qual um carro do governo recolhia o lixo da cidade e o levava a um lugar específico para ser queimado⁸⁵.

Com o agravamento da crise financeira no Território, devido à queda do preço internacional da borracha, os problemas sociais iam se agravando. Nas colunas dos jornais havia notícias de pessoas que morreram de fome⁸⁶. Tais notas alertavam sobre a situação sanitária da cidade. “Lá para os lados do bairro Quinze, tem morrido nestes últimos dias uma porção de crianças e aqui no centro da cidade há muita gente

⁸³ Inundação. **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de fevereiro de 1920, n. 300, p. 2.

⁸⁴ SOUZA, Sérgio. **Fabulas da modernidade no Acre**: A utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

⁸⁵ BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. 1. ed. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.

⁸⁶ **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de fevereiro de 1921, n. 346, p. 2.

doente”⁸⁷. Com a falta de estrutura e de recursos, no início do século XX, era precário o serviço médico em todo o Acre. Os motivos eram inúmeros, destacando-se a falta de hospitais e de médicos. Os profissionais que tinham, eram passageiros e cobravam preços altíssimos pelo atendimento, aproveitavam-se das ausências para fazer dinheiro. Os que se fixavam preferiam abrir o próprio negócio, a trabalhar para o governo, pois além da baixa remuneração, havia atraso nos vencimentos, conseqüentemente era difícil convencer médicos a se mudarem para as cidades acreanas, principalmente as do interior⁸⁸.

De acordo com Souza, “o fato de o poder público encontrar dificuldades para estruturar os serviços de saúde, pode ter contribuído, para que considerável parcela dos moradores do Acre intensificasse a busca por outras artes de curar, aumentando com isso o prestígio da medicina popular no Território”⁸⁹. Nessa conjuntura, quando as pessoas adoeciam, sobretudo as pessoas mais pobres, recorriam ao conhecimento de indígenas (que conheciam vastamente a floresta), curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, padres, parteiras entre outras formas de medicina popular.

Algumas pessoas da elite local realizavam ações individuais e/ou coletivas em busca de melhorias na cidade. As diversões se constituíam em um interessante meio de promover momentos agradáveis para as pessoas e artifício de arrecadação de dinheiro, para obras como a do Hospital Augusto Monteiro, que havia sido construído e mantido, majoritariamente, com recursos particulares⁹⁰. A elite rio-branquense, ou pelo menos as pessoas de mais destaque (aquelas que sempre estavam a frente das decisões e organizações da cidade) eram em sua maioria composta por funcionários públicos, militares, comerciantes, empresários, profissionais liberais e destacadamente de seringalistas – de diferentes origens. Os seringalistas, além de gerirem seus negócios, eram recorrentemente nomeados para cargos importantes da administração da cidade. Como mostra Klein, “os seringalistas permaneceram como a elite hegemônica do

⁸⁷ Andaço?. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1920, n. 295, p. 1.

⁸⁸ SOUZA, Sergio. Poder público, saberes médicos e medicina popular no Território do Acre (1904-1930). **Muiraquitã**, UFAC, v. 3, n. 2, 2015.

⁸⁹ SOUZA, Sergio. Poder público, saberes médicos e medicina popular no Território do Acre (1904-1930). **Muiraquitã**, UFAC, v. 3, n. 2, 2015, p. 188.

⁹⁰ Varias. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1920, n. 294, p. 2; **Folha do Acre**, 16 de maio de 1918, n. 283, p. 1.

Território por décadas”⁹¹. Desta elite destaca-se o famoso Neutel Maia e seus familiares, que detinham a maior empresa de Rio Branco no início do século XX, a N&Maia, que se dedicava a vários ramos comerciais, dentre eles o imobiliário e a borracha. Maia era poderoso e teve muita influência no desenvolvimento da região.

Quanto ao comércio, de forma geral, as casas comerciais abriam e fechavam o tempo todo. Nesse sentido, é difícil mapear com precisão o número de casas comerciais. Além do mais, provavelmente alguns estabelecimentos comerciais não entrassem na listagem de impostos ou não pagassem por propagandas nos jornais. As únicas inferências mais certas, possíveis de serem destacadas, é que o comércio se concentrava nas ruas João Luiz Alves, Cunha Mattos e Abunã. E era comum que uma mesma pessoa ou uma sociedade de pessoas tivessem mais de um estabelecimento comercial⁹². A associação comercial era uma estratégia para compartilhar riscos de abertura de um negócio, bem como de tentar atenuar os problemas da falta de liquidez, que era crônico na região⁹³.

Além do comércio, se constituíam como pontos importantes da cidade a prefeitura, a cadeia municipal, o quartel da Força Militar, o hospital Augusto Monteiro e o Grupo Escolar 7 de setembro; estas eram construções de destaque. As novas construções na cidade eram sempre celebradas como um sopro de progresso em direção à modernidade. Como a solene inauguração do hospital de Rio Branco⁹⁴ e a exaltada criação da escola noturna, denominada Alfredo Fleury⁹⁵. Uma notícia apontava ter na cidade, no ano de 1927, aproximadamente 14 escolas, uma no centro e as outras mais afastadas⁹⁶.

⁹¹ KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 144.

⁹² Indicador commercial. **Folha do Acre**. Rio Branco, 21 de abril de 1927, n. 568, p. 2; Indicador commercial. **Folha do Acre**. Rio Branco, 08 de maio de 1927, n. 570, p. 2; Indicador commercial. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de agosto de 1927, n. 583, p. 2; **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de abril de 1921, n. 355, p. 4.

⁹³ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

⁹⁴ A inauguração do hospital de Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 16 de maio de 1918, n. 238, p. 1.

⁹⁵ Escola. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de agosto de 1921, n. 376, p. 1.

⁹⁶ Sete de setembro. **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de setembro de 1927, n. 588, p. 8.

No início do século XX grande parte dos problemas da cidade pode-se atribuir a administração de recursos do Acre. Até o governo de Hugo Carneiro (1927 - 1930), as verbas destinadas ao Território eram enviadas primeiro ao estado do Amazonas, para só então ser entregues aos administradores do Acre. Todo esse trâmite de recursos fazia com que a verba demorasse a chegar ao Território, além de serem valores apontados como limitados⁹⁷. Do ano de 1903 até 1917 o governo federal arrecadou 116.443 contos em impostos, sobretudo da comercialização da borracha e despendeu 32.345, ou seja, abastecendo os cofres públicos do Acre com apenas 27,77% do que foi arrecadado do Território. O governo federal recolhia os impostos, sobretudo da taxa de exportação da borracha, mas só repassava um terço do que havia recolhido para a administração do Acre, para que fosse, eventualmente, revestido em melhorias para a população⁹⁸. Dados específicos da cidade de Rio Branco, divulgados no jornal pela intendência municipal mostram que do ano de 1917 a 1920 a cidade obteve uma arrecadação média de aproximadamente 158 contos. No ano de 1921 a arrecadação municipal mingou para 98.748 contos⁹⁹, provavelmente em decorrência da crise econômica. Esses dados demonstram as adversidades da administração pública.

As transformações sofridas no período, na sociedade de Rio Branco foram bem mais comportamentais e retóricas, do que de fato estruturais. A Amazônia viveu, com a economia da borracha, uma transformação das representações de sociedade e uma busca por civilidade e modernidade. Nesse sentido, a *belle époque* influenciou várias cidades. As cidades de Belém e Manaus tiveram incentivos e intervenções governamentais: em Belém, do Intendente Antônio Lemos (1897-1912)¹⁰⁰ e em Manaus, do Governador Eduardo Ribeiro (1892-1906)¹⁰¹, ou seja, intervenções urbanas diversas desde o início do século XX, algo que o Acre só experimentaria com o governo de Hugo Carneiro (1927-30). Em Rio Branco as riquezas produzidas pela economia da borracha não trouxeram desenvolvimento urbano. Além do mais, os habitantes da cidade conviviam com os desafios de se viver em uma floresta tropical, com contaminações, doenças,

⁹⁷ SOUZA, Sérgio. **Fabulas da modernidade no Acre**: A utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

⁹⁸ SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia** (1800-1920). Vol. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

⁹⁹ Intendencia municipal de Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 05 de janeiro de 1922, n. 393, p. 3.

¹⁰⁰ COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rio de Janeiro, v. 5, 2011.

¹⁰¹ SOUZA, Eliza. **Panorama do esporte em Manaus - 1897 a 1911**. Dissertação (mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

insetos, animais selvagens, falta de saneamento básico, o isolamento político e geográfico. Essas condições marcaram o cotidiano da cidade no início do século passado.

As “crônicas” e outras notícias sobre a cidade publicadas nos jornais locais no período, pareciam gravitar ao redor de duas representações conflitantes: de um lado, apreciações críticas, que enfatizavam aspectos negativos da vida na cidade, com reclamações sobre construções precárias, a falta de estruturas básicas, animais soltos nas vias. De outro lado, notícias elogiosas, que destacavam o progresso e a evolução dos costumes e instituições de Rio Branco, como as celebrações de novas construções, exaltação dos novos hábitos, como frequentar o cinema e as praças, e o apreço pelos *sportmens*.

2 AS DIVERSÕES EM RIO BRANCO

Os esforços desse capítulo são para apresentar as diversões que ocorriam na cidade de Rio Branco no período compreendido entre 1918 e 1927, bem como as diferentes representações de tais práticas. Antes do ano de 1918 já haviam na cidade a ocorrência de práticas de diversão, porém eram mais esporádicas, a partir, sobretudo, do ano de 1920 estas práticas se intensificam.

2.1 O Cinema

Em 1918 já havia na cidade de Rio Branco dois cinemas, o Cinema Ideal e o Cinema Olympia. O primeiro indício encontrado de sessões cinematográficas na cidade foi de 1911, ocorrendo no Bar Acreano¹⁰². As primeiras exhibições aconteceram a partir da iniciativa de empresários ambulantes. O espaço Polytheama, onde ocorriam peças teatrais, foi transformado em sala cinematográfica e no dia 27 de abril de 1913, foi inaugurado como o primeiro cinema da cidade. A iniciativa foi exaltada no jornal e celebrada pela população que causou uma aglomeração popular¹⁰³. O Olympia Cinema, de propriedade de Jose Abreu e José Ferranti¹⁰⁴, contava com sessões populares as terças-feiras, com preço de 2\$000 e sessões “chics” a 5\$000¹⁰⁵. Os preços dos ingressos na cidade eram mais altos do que geralmente se cobrava por entradas de cinema em outras partes do Brasil, geralmente de 1\$000.

O outro cinema da cidade, o Ideal Cinema foi inaugurado em 1916¹⁰⁶, mas sem tanta visibilidade no jornal como seu concorrente, ao menos até o ano de 1920, quando intensificam-se as propagandas do jornal no qual se denomina como “concorrido cinema”¹⁰⁷. Entretanto, no mesmo ano o cinema foi vendido aos senhores Leonel Vinagre, Alfredo Mendes e Domingos Mirão, que constituíram uma sociedade para explorar o ramo cinematográfico. Segundo consta a “nova firma que girará sob a razão de Leonel e Cia, adquirido por compra aos srs. Abreu & C^a, o antigo *Ideal Cinema*, que passou, com a mudança de proprietários, a denominar-se – Edén Cinema”¹⁰⁸. O jornal

¹⁰² Theatraes. **Folha do Acre**, Cidade da Empreza, 16 de junho de 1911, n. 46, p. 3.

¹⁰³ Cinema Olympia sua inauguração. **Folha do Acre**, Rio Branco, 04 maio de 1913, n. 109, p. 3.

¹⁰⁴ **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de maio de 1918, n. 240, p. 3.

¹⁰⁵ Cinema Olympia. **Folha do Acre**, Rio Branco, 22 de junho de 1913, n. 116, p. 3.

¹⁰⁶ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

¹⁰⁷ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 06 de março de 1920, n. 303, p. 2.

¹⁰⁸ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de abril de 1920, n. 307, p. 2.

noticiou como bem-sucedida à estreia do Eden Cinema, com a presença da mais alta camada social da cidade¹⁰⁹. Na mesma semana da inauguração, Domingos Mirão retirase da sociedade Leonel & Cia, que continua com o mesmo nome.

Durante a década de 1920, o Eden Cinema se constituiu como um importante meio de diversão na cidade. Com algumas poucas exceções, sempre estava presente nas páginas dos jornais, seja pelos seus feitos, por simples propagandas ou anúncios da chegada de novos filmes¹¹⁰. Um de seus proprietários, Alfredo Mendes, era colaborador do jornal *Folha do Acre* e talvez por isso o Eden tivesse tanto espaço nas páginas do referido jornal¹¹¹.

Em Rio Branco era comum que algumas práticas ou eventos acontecessem seguidamente a outro. Frequentemente as sessões cinematográficas precediam peças teatrais e eventos a céu aberto nas praças¹¹². E casas de diversões anunciavam seus serviços, que aconteceriam depois do cinema¹¹³. Além de precederem outros eventos, sessões de cinema eram aglutinadas a um programa artístico. Essa junção de práticas no estabelecimento se tornou mais frequente, e em 1927 os donos do Eden anunciavam que “O Eden, agora tem festas lindas, lindíssimas”¹¹⁴.

O Eden recorrentemente estava presente nos programas de festejos na cidade, como na sessão cinematográfica ao ar livre, na Praça Tavares de Lyra, realizada em comemoração ao 7 de setembro¹¹⁵. Os donos do Eden Cinema adotavam estratégias para atrair o mais diverso público, tais como *matinees* para as crianças, realizadas nas tardes de domingo¹¹⁶ ou como algumas sessões especiais, na qual os donos do cinema ofereceram a cada espectador “um maço dos afamados cigarros Therezita”¹¹⁷, além das sessões populares de 1\$000 a entrada.

Entre 1916 e 1921, a cidade teve dois cinemas em funcionamento ao mesmo tempo. Pouco depois da inauguração do Eden, entretanto, em 1921 o cinema Olympia, que quase já não realizava sessões, fechou as portas. A firma Leonel e Cia comprou o

¹⁰⁹ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 10 de abril de 1920, n. 308, p. 3.

¹¹⁰ Cinema. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de novembro de 1920, n. 334, p. 3.

¹¹¹ **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de setembro de 1920, n. 327, p. 3.

¹¹² Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1918, n. 224, p. 1.

¹¹³ Smart club. **Folha do Acre**. Rio Branco, 11 de abril de 1918, n. 233, p. 4.

¹¹⁴ **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de março de 1927, n. 563, p. 2.

¹¹⁵ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de agosto de 1921, n. 376, p. 3.

¹¹⁶ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

¹¹⁷ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de abril de 1920, n. 307, p. 2.

material que constituía o antigo cinema Olympia¹¹⁸. Uma notícia enunciou que devido as sessões de 1\$000 o ingresso “na ultima terça-feira o salão comportava mais de 150 espectadores”¹¹⁹. Em outra nota – que afigura como uma propaganda – afirmam que incontestavelmente “o nosso cinema é o melhor lenitivo para as nossas amarguras. Todo o publico o vae compreendendo e o EDEN se vê repleto em todas as sessões”¹²⁰.

No início da década de 1920 foi apresentado no Eden os primeiros filmes coloridos, porém ainda mudos. Eram exibidos no cinema filmes de diferentes procedências (França, Estados Unidos, Inglaterra e etc.). Os donos do Eden buscavam as fitas na cidade boliviana de Cobija, em Manaus e na então capital federal, o Rio de Janeiro¹²¹. Chegavam filmes de reconhecimento internacional como do D. Griffith, filmes de grandes empresas do ramo, como a Pathé, Fox Films e representados por atores de fama internacional. Mas devido ao alto preço das fitas de grandes sucessos e da distância que as fitas percorreriam até o Acre, além do custo da exibição¹²², um gasto em torno de 55\$000 réis¹²³, o Eden Cinema exhibia produções mais baratas e antigas¹²⁴. Os gêneros de filmes mais exibidos no período, tanto no Eden quanto nos outros dois cinemas, foram de romance, comédia e guerra¹²⁵.

No ano de 1925 o Eden Cinema passou por uma reforma, quando os lugares foram diferenciados, criando camarotes para pessoas de prestígio social como o Governador. Houve também uma separação de setores no espaço do cinema, para pessoas com maior e menor poder aquisitivo. Em uma notícia sobre uma sessão beneficente para o caixa escolar do grupo ‘7 de setembro’ fica evidente as distinções, “onde foram vendidos 255 ingressos, dos quaes 12 camarotes, 62 cadeiras e 181 geraes”¹²⁶. Em outra notícia é possível também perceber a lotação do cinema, na qual, novamente em benefício ao caixa escolar, teve um publico de 275 pessoas, distribuídas

¹¹⁸ O cinema Olympia foi vendido. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de fevereiro de 1921, n. 345, p. 3.

¹¹⁹ Cinema. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de outubro de 1920, n. 330, p. 3.

¹²⁰ Cinema. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de novembro de 1920, n. 334, p. 3.

¹²¹ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

¹²² Necessitava de querosene, óleo e gasolina para o motor da máquina funcionar.

¹²³ **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de setembro de 1920, n. 327, p. 3.

¹²⁴ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

¹²⁵ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

¹²⁶ O cinema em benefício do caixa escolar. **Jornal oficial**, 21 de junho de 1925, n.5, p. 1.

em 173 cadeiras e 102 gerais¹²⁷. As gerais se constituíam em um espaço onde as pessoas assistiam ao espetáculo/filme em pé ou sentadas no chão. Segundo Pereira, “a plateia do Eden era diversa, integrada por autoridade, comerciantes, funcionários públicos, e demais pessoas que se escondiam sob a anônima denominação de famílias de ‘boa índole’”¹²⁸.

Ainda no ano de 1925, o Eden Cinema foi vendido para a firma Moleiro e Esteves, passando a se chamar Cine Theatro Eden¹²⁹. E já não contava com tantos anúncios no jornal, mas apresentou quatro peças teatrais até o ano de 1929, além dos filmes. Neste mesmo ano, o cinema foi novamente vendido, sendo adquirido por Bolivar M. Leite, que arrendou da firma Moleiro e Esteves e passou a se chamar Popular Cinema¹³⁰. O prédio que abrigou o Eden Cinema existe na cidade até os dias atuais e pela importância histórica foi tombado pelo patrimônio histórico cultural¹³¹.

Figura 7: Eden Cinema (ao centro).



Fonte: PEREIRA (2002).

¹²⁷ G.E. 7 de setembro. **Folha do Acre**, Rio Branco, 09 de outubro de 1927, n. 592, p. 4.

¹²⁸ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002, p. 78.

¹²⁹ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002, p. 31.

¹³⁰ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

¹³¹ MOREIRA JUNIOR, Fernando. Patrimônio Histórico e Paisagístico do Estado do Acre. In. ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. - Rio Branco: SEMA. Acre, 2010.

No período, os cinemas Olympia e Ideal contavam com sessões esporádicas, ou seja, não havia uma frequência regular das exhibições. As sessões pareciam depender da chegada de novos filmes para que ocorressem. No início de 1918, o cinema Olympia chegou a ter uma programação regular com exhibições as quintas, sábados e domingos¹³², mas logo cessou. Em 1920, o Eden cinema, por outro lado, já contava com sessões regulares que “às terças, quintas e sábados, continuam a atrair ao EDEN toda a população”¹³³ e aos domingos haviam as sessões “chics”. Dessa forma o cinema abria suas portas ao público quatro vezes por semana. Claramente, em ambos os cinemas, repetia-se a exhibição de filmes. Porém quando filmes novos chegavam eram motivo de grande entusiasmo.

O Eden sob a gerência de Leonel Vinagre e Alfredo Mendes (1920-1921) exibiu 56 filmes diferentes, 32 filmes no ano de 1920 e 24 filmes no ano de 1921. Nos anos seguintes sob a gerência apenas de Leonel, o Eden teve uma baixa nas atividades: em 1922 foram exibidos apenas 2 filmes, e entre 1923 a 1925 foram exibidos 28¹³⁴ filmes, e o Eden já não contava mais com as sessões regulares e frequentes. Em 1926 o Eden Cinema foi vendido a firma Moleiro e Esteves, neste ano as exhibições voltaram a ser mais frequentes e regulares, com sessões segundas, terças e quintas¹³⁵, com 41 filmes exibidos e em 1927 apenas 16 filmes¹³⁶. Como demonstra o gráfico a seguir:

¹³² Folha Particular. **Folha do Acre**. Rio Branco, 23 de maio de 1918, n. 239, p. 2.

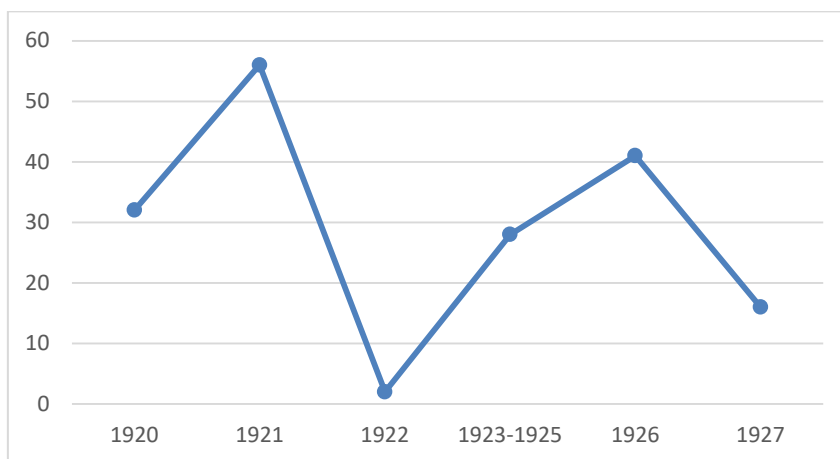
¹³³ Cinema. Folha do Acre, **Rio Branco**, 14 de outubro de 1920, n. 329, p. 3.

¹³⁴ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

¹³⁵ Eden-Cinema. **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de fevereiro de 1926, n. 516, p. 1.

¹³⁶ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

Gráfico 1: Exibição de filmes no Eden-Cinema, entre 1920 a 1927.



Fonte: Elaboração própria.

As sessões cinematográficas eram retratadas nos jornais com exaltação. Como mostra a notícia: “Incontestavelmente o nosso cinema é o melhor lenitivo para as nossas amarguras. Todo o público o vae compreendendo e o EDEN se vê repleto em todas as sessões”¹³⁷. Em todo o período estudado, o cinema foi noticiado como algo bom, moderno e sinônimo de prosperidade na cidade. O cinema chegou a Rio Branco por volta de 1913, e parece ter sido, no período, a diversão mais recorrente, na qual toda a população poderia fazer parte, inclusive pessoas com menor poder aquisitivo. O Eden cinema foi um estabelecimento duradouro, se comparado a outros estabelecimentos. E mais que isso, marcou significativamente a história da cidade, sendo atualmente um patrimônio histórico e cultural.

2.2 As festas

Ainda que não tão bem-sucedido quanto o cinema, eram as tentativas de promover na cidade festas carnavalescas. No ano de 1918 o jornal anuncia com grande expectativa os festejos. “Preparam-se animadas festas para o próximo carnaval”¹³⁸. Porém a animação foi frustrada devido a torrencial chuva que caiu sobre a cidade, deixando as ruas cheias de lama e desertas. Contando apenas com uma breve apresentação da banda da companhia regional e uma passeata de um grupo de pessoas

¹³⁷ Cinema. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de novembro de 1920, n. 334, p. 3.

¹³⁸ Carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1918, n. 224, p. 2.

mascaradas que percorreram as principais ruas da cidade¹³⁹. Na nota concluiu-se que o “carnaval de 1918 em Rio Branco foi desanimado”¹⁴⁰. Outra notícia ressalva que o único lugar onde houve sinal de carnaval foi na casa de diversões Smart Club. “Os esforçados proprietários deste estabelecimento de diversões tudo fez para distrahir os seus convidados, que até alta madrugada, brincaram, brincaram a valer”¹⁴¹.

Em 1920 as notícias no jornal anunciavam o entusiasmo quanto ao carnaval daquele ano. O Rio Branco Foot-ball Club anunciou um baile à fantasia que gerou animação em seus sócios, levaria “á sua imponente séde a fina flôr da sociedade elegante da nossa terra [...] o entusiasmo reinante para essa festa a que estão reservadas as mais gratas surpresas”¹⁴². A nota seguinte do jornal anuncia que o rio Acre estava enchendo e ameaçava uma inundação¹⁴³. Alguns dias depois do anúncio, o baile à fantasia foi cancelado “por motivos de ordem superior”, frustrando a euforia das pessoas que dele iriam participar. Devido o cancelamento do baile, o outro time de futebol da cidade, o Acreano Sport Club promoveu uma festa dançante¹⁴⁴. O Magestic Club, outra casa de diversões da cidade, anunciava além da sua inauguração “um pomposo baile á phantasia em honra a chegada do Deus Momo, que desta vez vem completamente molhado, mas bem disposto para a esfuziante recepção que lhe prepararam os nossos *smarts*”¹⁴⁵.

No ano seguinte o cenário se repetiu: notícias sobre o entusiasmo dos festejos e logo em seguida a frustração. Entretanto, dessa vez a causa apontada para a fastidiosa decepção foi a crise econômica que recaía em todo o Território¹⁴⁶. Mesmo dizendo que o carnaval foi aquém do que esperavam, ocorreram eventos. Segundo informações do jornal, a casa de diversão *High Life* proporcionou aos seus frequentadores “quatro noitadas alegres, ao som de chorosos tangos executados pela banda da Força policial”¹⁴⁷. Continuou a notícia dizendo que as mascaras e cordões, romperam a monotonia da cidade. Além do “majestoso carro allegorico”, que fazia críticas ao

¹³⁹ O carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de fevereiro de 1918, n. 225, p. 2.

¹⁴⁰ O carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de fevereiro de 1918, n. 225, p. 2.

¹⁴¹ Smart-Club. **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de fevereiro de 1918, n. 225, p. 2.

¹⁴² Carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1920, n. 299, p. 2.

¹⁴³ O Acre. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1920, n. 299, p. 2.

¹⁴⁴ Echos do Carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de fevereiro de 1920, n. 301, p. 2.

¹⁴⁵ Magestic Club. **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de fevereiro de 1920, n. 300, p. 2.

¹⁴⁶ Carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de fevereiro de 1921, n. 346, p. 2.

¹⁴⁷ Carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de fevereiro de 1921, n. 346, p. 2.

recenseamento e aos estatutos dos clubes fechados¹⁴⁸. Nos anos seguintes o cenário continuou parecido, muito entusiasmo, mas logo o desapontamento por não ter acontecido como esperavam, mesmo ocorrendo alguns festejos, seja nas praças ou nos clubes.

Haviam festejos para a comemoração do mês mariano na Capela de Nossa Senhora da Conceição¹⁴⁹. A “Festa da Roça”, em comemoração a São João parecia fazer sucesso na cidade. Segunda a descrição da festa um animado grupo “de “tentamistas”¹⁵⁰ travestidos de roceiros, promoverá nos amplos salões da *sympathica* sociedade uma original festa de arraial [...] reinando, desde já, promissor e desusado entusiasmo”¹⁵¹.

Marcava presença na vida social da cidade as festas em comemoração a datas especiais. Como a festa pela passagem da data de emancipação política, descrita no jornal como de “grande brilhantismo”¹⁵². Era tradicional as festas comemorativas da data de 6 de agosto¹⁵³, no ano de 1921 as festividades ocorreram no Grupo Escolar. De acordo com a notícia, o estabelecimento “engalanou-se, promovendo uma festa que deixou a mais grata recordação em todas as pessoas que a assistiram”¹⁵⁴.

Em aniversários de pessoas importantes da cidade, havia as famosas *soirées* dançantes. Como no ano de 1920 para comemorar o aniversário da esposa do prefeito do departamento, que aconteceu no grupo escolar “24 de março”¹⁵⁵. E do mesmo modo, a “animadíssima” *soirée*¹⁵⁶ dançante realizada na residência do governador, sr. Epaminondas Jacome, em comemoração ao seu natalício. De acordo com a descrição a “elite riobranquense compareceu a essa festa que se prolongou até depois das 2 horas da madrugada, reinando durante toda ella muita cordialidade”¹⁵⁷, animando a festa a banda da Força Policial.

As *soirées* aconteciam para marcar despedidas, inaugurações e afins. “Em regosijo á posse da sua nova administração a Loja “Igualdade Acreana” ofereceu a

¹⁴⁸ Carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de fevereiro de 1921, n. 346, p. 2.

¹⁴⁹ Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 06 de junho de 1918, n. 241, p. 2.

¹⁵⁰ Tentamistas eram os membros da associação Tentamen.

¹⁵¹ Pela Tentamen. **Folha do Acre**, Rio Branco, 20 de junho de 1926, n. 533, p. 4.

¹⁵² Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de outubro de 1920, n. 329, p. 3.

¹⁵³ Essa festa é em comemoração ao 13º aniversario de passagem de Plácido de Castro e a Revolta Acreana.

¹⁵⁴ O 6 de agosto. **Folha do Acre**, Rio Branco, 11 de agosto de 1921, n. 372, p. 2.

¹⁵⁵ Soirée Blanche. **Folha do Acre**, Rio Branco, 23 de setembro de 1920, n. 328, p. 1.

¹⁵⁶ Festas, reuniões sociais.

¹⁵⁷ Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 20 de abril de 1922, n. 408, p. 2.

família riobranquense, uma soirée dançante que ocorreu animadíssima”¹⁵⁸. Segundo a notícia, compareceram a festa quase todas as principais famílias da cidade.

Parecia animar a cidade similarmente, as festas a bordo de embarcações. “Cheio o convez do “Cidade de Fortaleza”, de senhoras, senhoritas e cavalheiros, ao som da banda da Força Policial, dançou-se animadamente até as 18 horas”¹⁵⁹. Consta ainda que o trecho do rio onde estava o “Cidade de Fortaleza” até o porto de Pennapolis, estava com aspectos festivos, dentro da embarcação havia bandeiras e escudos de clubes esportivos da cidade¹⁶⁰. A bordo da embarcação “Cidade de Teffé”, “diversos rapazes de nossa elite, promoveram uma elegante soirée dansante”¹⁶¹, havendo também a presença de senhoritas da cidade. Contou ainda com a banda de música da Força Policial, “tendo sido durante a mesma, servidos finos doces e licores”¹⁶².

Marcaram os acontecimentos da vida social de Rio Branco no início do século XX as festas em favor da caridade. Tal como a festa em honra as crianças pobres, na qual por “iniciativa de distictas e virtuosas senhoras e senhoritas”, acontecendo na Praça Tavares Lyra, em Pennapolis. Na oportunidade foram oferecidos roupas e outros objetos para as crianças necessitadas, o jornal destacou a iniciativa enaltecendo a atitude “tão altruísta manifestação de amor e carinho”¹⁶³. Destacou-se ainda, que cerca de 700 crianças foram agraciadas com presentes, além da presença do governador do Território¹⁶⁴. A Banda da Força Militar, não se restringia a tocar apenas no quartel, ou eventos cívicos, era comum que a Banda da Força tocasse nos mais diversos festejos na cidade¹⁶⁵, e se apresentasse em sessões de cinema¹⁶⁶.

As festas faziam parte das manifestações divertidas na cidade, entretanto, diferente do cinema, as festas eram ocasionais. Até pelo menos a criação da sociedade Tentamen que se dedicava a realização de festas. E que a partir de 1926, realizava festas, pelo menos, uma vez por mês, em sua sede social.

¹⁵⁸ Igualdade Acreana. **Folha do Acre**, Rio Branco, 20 de julho de 1922, n. 421, p.2.

¹⁵⁹ A festa de domingo ultimo a bordo do “Cidade de Fortaleza”. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de outubro de 1921, n. 383, p. 2.

¹⁶⁰ A festa de domingo ultimo a bordo do “Cidade de Fortaleza”. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de outubro de 1921, n. 383, p. 2.

¹⁶¹ Festa. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de março de 1922, n. 405, p. 2.

¹⁶² Festa. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de março de 1922, n. 405, p. 2.

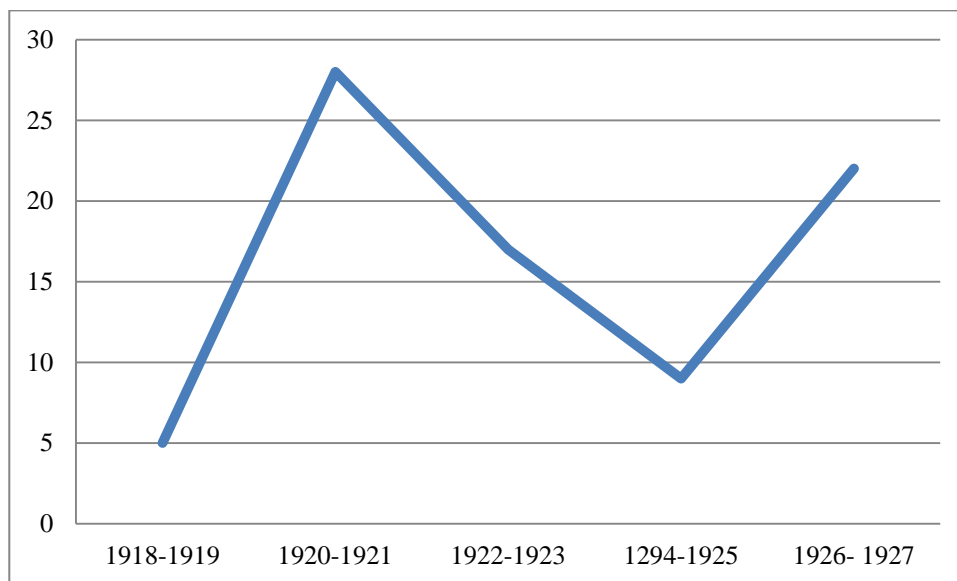
¹⁶³ Festa das creanças pobres. **Folha do Acre**, Rio Branco, 22 de setembro de 1921, n. 378, p. 2.

¹⁶⁴ A festa de caridade. **Folha do Acre**, Rio Branco, 06 de outubro de 1921, n. 380, p. 1.

¹⁶⁵ Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 06 de junho de 1918, n. 241, p. 2.

¹⁶⁶ Cinema. **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de outubro de 1920, n. 329, p. 3.

Gráfico 2: Frequência das festas, entre 1918 e 1927.



Fonte: Elaboração própria.

No período estudado foram encontradas 81 notícias de festas, uma média de 9 eventos por ano, sendo os anos de 1920 e 1921 de maior frequência dos eventos. Em grande maioria, as festividades eram realizadas em comemoração a alguma data especial, aniversários de pessoas importantes ou acontecimentos marcantes. Havia ainda as festas particulares, festas religiosas e as que aconteciam nas casas de diversão e nos clubes esportivos. Sendo habitualmente exaltadas com entusiasmo nos jornais as *soirées*.

2.3 Teatro

Figurou também a cena da história da cidade as peças teatrais, semelhante a outros acontecimentos, tinham comumente alguns pretextos para serem realizadas, a exemplo, datas importantes, homenagem a governantes ou comemorações. Diferentemente do cinema que continha um espaço específico para acontecer, as peças teatrais em Rio Branco não tinham um lugar exclusivo, às vezes eram encenas no cinema Eden, outras vezes no Grupo Escolar, e com uma frequência esporádica.

Chegou-se a organizar na cidade o Grupo Dramático União, por volta de 1914¹⁶⁷, e o Grupo Dramático Rio Branco por volta de 1918¹⁶⁸. Ambos tinham como integrante Alfredo Mendes, porém estes grupos tiveram vida curta, e logo desapareceram. Os grupos teatrais parecem ter durado menos de um ano, com duas ou três notícias nos jornais e apenas duas ou três apresentações. Conforme a nota “realisou-se mais um espectáculo promovido pelo Grupo Dramático Rio Branco, sendo levado a efeito a scena o drama em dois actos “Os espiões na guerra”, da autoria do sr. Alfredo Mendes”¹⁶⁹.

Em 1918 foi realizado “mais um concorrido espetáculo em beneficio das inteligentes artistas italianas Olga dela Massa e Gilona Faledra, no qual tomou parte a sra. Antonia Brandão”¹⁷⁰. Em favor do hospital Augusto Monteiro executaram “um grande espectáculo theatral, com a *reprise* da encantadora pastoral – “O Natal”, que obteve brilhante sucesso na primeira apresentação”¹⁷¹.

Além do Grupo Escolar, o Eden Cinema recebeu algumas peças teatrais. “Realisou-se conforme anunciamos, o segundo espectáculo promovido pelo festejado maestro J. Scipião”¹⁷². A notícia seguiu exaltando o amplo salão do Eden, que seria “o que de mais representativo”¹⁷³ teria a cidade. O espetáculo contou ainda com a presença do prefeito da cidade e com “quase todas” as famílias de Rio Branco¹⁷⁴.

No ano seguinte o salão do Eden sediou mais um espetáculo, o festival artístico da cantora Antonia Brandão. Desta vez em homenagem a Epaminondas Jacome, o primeiro governador do Território¹⁷⁵. Em 1922, Antonia Brandão auxiliada pelo maestro Scipião e por Josephina Lima realizaram no salão do Eden “a comedia *Emfim Sós*”¹⁷⁶. De acordo com o programa do espetáculo, terminaria com uma “apothose em honra ao dr. Arthur Bernardes, presidente proclamado da Republica”¹⁷⁷. A artista Antonia Brandão, além de encenar peças teatrais, realizou na cidade, festivais artísticos.

¹⁶⁷ **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de junho de 1914, n. 157, p. 3.

¹⁶⁸ FOLHA SOCIAL. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 3.

¹⁶⁹ Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1918.

¹⁷⁰ Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1918, n. 224, p. 1.

¹⁷¹ Na ribalta. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1920, n. 295, p. 2.

¹⁷² Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

¹⁷³ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

¹⁷⁴ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

¹⁷⁵ Festival Antonia Brandão. **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 2.

¹⁷⁶ Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de agosto de 1922, n. 422, p. 2.

¹⁷⁷ Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 10 de agosto de 1922, n. 424, p. 2.

Em 1918 nos salões do Smart Club, que foi “gentilmente cedidos pelos seus proprietários”¹⁷⁸ a artista cançonetista espanhola Maria Alonso, de passagem pela cidade, junto com Antonia Brandão realizaram um festival artístico¹⁷⁹.

Outra parceria recorrente de Antonia Brandão era o maestro J. Scipião, juntos realizaram o Festival Scipião. “A festa realizou-se no “Eden Cinema” sendo magnificamente desempenhado o programma”¹⁸⁰. Scipião também promoveu outros festivais na cidade, “realizou-se no Eden, ante hontem, o festival de Xico Coringa e Zé Scipião”¹⁸¹. De acordo com a descrição no programa constou “o espectáculo, da burleta *Casamento Secundario*, do vandeille *Trumpho é Páu!*, e de um selecto acto de variedades”¹⁸².

No mesmo ano (1920), movimentou Rio Branco o Festival de Branca dedicado as moças da cidade e especialmente em homenagem a madame Cunha Vasconcelos, esposa do prefeito¹⁸³. De forma geral, os festivais não fugiam ao habitual, sendo realizados por algum motivo maior. Como o festival em benefício o hospital Augusto Monteiro, que ocorreu na Praça Tavares de Lyra, em Penápolis¹⁸⁴.

Figura 8: Quadro de apresentações teatrais ocorridas entre os anos de 1918 a 1927.

Título	Local	Autoria	Atores	Ano
Espiões da guerra	Teatro Rio Branco	Alfredo Mendes	Alfredo Mendes	1918
Espectáculo de Olga dela Massa	Teatro Rio Branco	Olga dela Massa e Gilona Faledra	Olga dela Massa, Gilona Faledra e Antonia Brandão.	1918
O Natal	Grupo Escolar	Mm. Machado	Alfredo Mendes	1920
Espectáculo leve	Eden	J. Scipião	J. Scipião	1920
Amor em Xapury	Eden	J. Scipião	J. Scipião Graça Scipião, Branca Scipião, Fatinha Guedes e Xico Coringa	1920
Casamento Secundario	Eden	Xico Coringa e Zé Scipião	Xico Coringa e Zé Scipião	1920
Um Padre sacudido	Eden	Irmãos Coringa e Alfredo Mendes	Irmãos Coringa e Alfredo Mendes	1920
O bígamo	Eden	Frestran Bernard	Graça Scipião, Branca Scipião, José Scipião, Alfredo Mendes e Xico Coringa	1920
Delegacia encencada	Eden		Branca Scipião, Alfredo Mendes e Xico Coringa	1920
Festival Artístico	Eden	Antonia Brandão	Antonia Brandão	1921

¹⁷⁸ Festival Artístico. **Folha do Acre**. Rio Branco, 25 de abril de 1918, n. 235, p. 2.

¹⁷⁹ Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 02 de maio de 1918, n. 236, p. 3.

¹⁸⁰ Festival Scipião. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de março de 1922, n. 405, p. 2.

¹⁸¹ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco 01 de julho de 1920, n. 318, p. 2.

¹⁸² Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco 01 de julho de 1920, n. 318, p. 2.

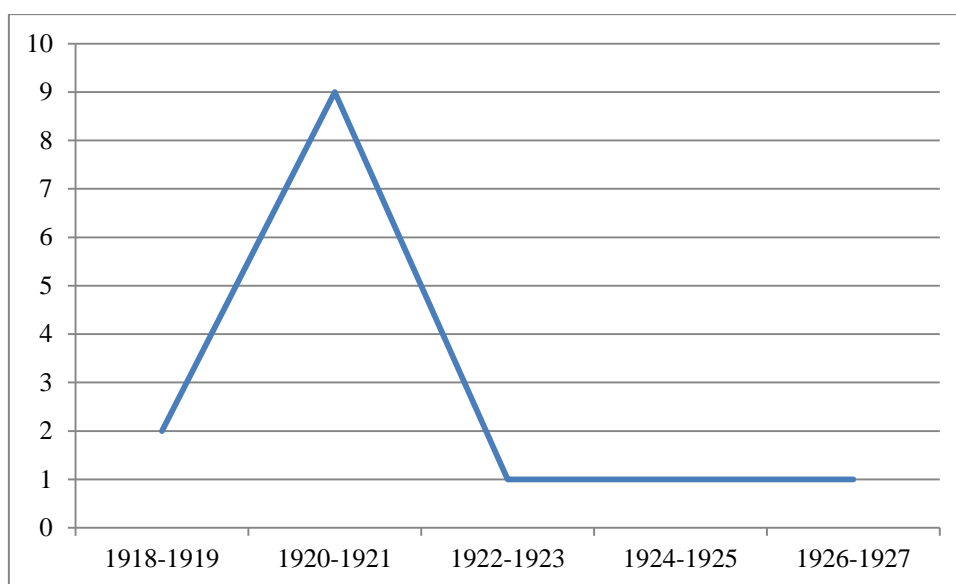
¹⁸³ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de maio de 1920, n. 314, p. 3.

¹⁸⁴ Festival em beneficio ao hospital. **Folha do Acre**, Rio Branco, 26 de agosto de 1920, n. 325, p. 2.

O meu casamento	Eden	Alfredo Mendes	Alfredo Mendes, Antonia Brandão e Xico Coringa	1921
Emfim Sós	Eden	Antonia Brandão	Roberto Scipião, Josephina Lima e Antonia Brandão	1922
Espetáculo Musical	Eden		Frontino Santiago	1925
Variedades	Eden		Dario Letona, Tuler e Pedro Pereira	1927

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3: Frequência de apresentações teatrais entre os anos de 1918 a 1927.



Fonte: Elaboração própria.

Os espetáculos, em sua maioria, eram denominado de “variedades”, haviam peças cômicas e musicais. As notícias do teatro eram curtas e objetivas, apenas anunciavam o programa do espetáculo. Entre 1918 a 1927 foram noticiados 14 espetáculos, sendo que deste, 11 foram apresentados no Eden-Cinema¹⁸⁵. E de 1918 a 1921, seis dessas peças tiveram a autoria ou atuação de Alfredo Mendes – figura importante na promoção do teatro e do cinema na cidade.

2.4 Os esportes

Figuraram também na vida social da cidade os esportes. O grupo Tiro Rio Branco realizava exercícios quase todos os dias à noite, sendo alguns dias em Penápolis,

¹⁸⁵ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002; FOLHA SOCIAL. **Folha do Acre**. Rio Branco, 3 de janeiro de 1918, n. 219, p. 3.

outros no bairro Rio Branco¹⁸⁶. As regatas pouco foram evidenciadas nas notícias, mas aconteciam, sobretudo em dias festivos, como na homenagem ao comandante Olavo Machado, no qual houve a disputa de alguns páreos do esporte náutico¹⁸⁷.

Na comemoração do “7 de setembro” de 1927, ocorreram provas atléticas de saltos e corridas, onde os vencedores ganharam uma premiação em dinheiro¹⁸⁸. Já em homenagem a “descoberta das américas” a força policial do Território promoveu uma prova de cross country¹⁸⁹. Mesmo que esporadicamente, estes esportes ganharam algumas linhas nas notícias do jornal. Entretanto, foi o futebol o grande destaque esportivo da cidade no período estudado. De acordo com um colunista anônimo do jornal, já em 1920, “decididamente o foot-ball tomou conta de nossa mocidade”¹⁹⁰.

Em 1919 começam a surgir na cidade os primeiros clubes de futebol, entre eles o Rio Branco Foot-ball Club, fundado em junho daquele ano¹⁹¹, o Acreano Sporting Club fundado em 10 de abril de 1919, o Ypiranga Sport Club fundado em setembro do mesmo ano¹⁹² e o Team Militar. Em 1920 surgem outras novas equipes. O senhor José de Mello, figura de destaque na cidade, abriu no seringal Catuaba - fora do perímetro urbano de Rio Branco - um campo de futebol e fundou o time Catuaba Foot-ball Club¹⁹³. A princípio, os times batiam-se no campo da praça Rodrigues Alves. De início, as partidas aconteciam em festividades ou homenagens, a partir de 1920 começa a organização de torneios de futebol.

Em 1920, o jornal Folha do Acre anunciou a Temporada Xapuriense, na qual os times de Rio Branco convidaram os jogadores da cidade de Xapury para a disputa de um torneio¹⁹⁴. Ao chegar a Rio Branco, a delegação “Foot-bollar Xapuriense” foi recebida com festividade pelo “povo e pelas mais altas autoridades”¹⁹⁵. Segundo a descrição do jornal, foram dias de festa e animação em toda a cidade. Após os jogos, os jogadores de ambas as equipes festejaram e beberam cervejas e champagnes nos

¹⁸⁶ Tiro Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 02 de maio de 1918, n. 236, p. 3.

¹⁸⁷ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 13 de outubro de 1921, n. 381, p. 3.

¹⁸⁸ Sete de setembro. **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de setembro de 1927, n. 588, p. 8.

¹⁸⁹ Cross coutry. **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de outubro de 1927, n. 593, p. 4.

¹⁹⁰ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de agosto de 1920, n. 323, p. 3.

¹⁹¹ Honra ao “R.B.F.C.”. **Folha do Acre**, Rio Branco, 17 de dezembro de 1921, n. 390, p. 1.

¹⁹² Informações retiradas do site da Federação de Futebol do Acre, disponível em <http://ffac.com.br/wp/>, acessado em 24 de outubro de 2018.

¹⁹³ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de maio de 1920, n. 314, p. 3.

¹⁹⁴ Desportivas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 17 de junho de 1920, n. 316, p. 2.

¹⁹⁵ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de julho de 1920, n. 320, p. 3.

estabelecimentos da cidade. “No “Madrid” foi oferecida uma taça de *champagne* aos briosos moços do *sport* pelo dr. José de Mello e o coronel Manoel Vasconcellos”¹⁹⁶. Na despedida da delegação xapuriense foi oferecido um pic-nic nos campos da N. Maia & Cia¹⁹⁷.

Nas descrições das partidas de futebol, chama à atenção a participação feminina, que de forma geral, acontecia apenas na organização dos eventos e na torcida das arquibancadas. Não foram encontradas notícias sobre a prática feminina nos esportes, mas era comum o destaque das “torcedoras”. Segundo uma dessas notícias, “Os ypiranguenses corresponderão, estamos certo, á expectativa das suas inumeras torcedoras”¹⁹⁸. Em outra ocasião, outra notícia destaca que as tardes de futebol eram “abrilhantadas pelas nossas irrequictas e gentis torcedoras, não tivessem ellas, como hão de ter, todo o garbo e toda a majestade da nossa mocidade folgosa”¹⁹⁹. Por fim “a cidade em peso, apesar de ser um dia útil ocorreu ao “ground” e era bello de ver-se o entusiasmo reinante nas archibancadas entre torcedores e torcedoras moços, rapazes, meninas e senhoras”²⁰⁰. Assistir as partidas de futebol parecia ser um passeio familiar, na qual, independentemente da idade e do gênero, a presença era lícita.

Outro fator, quanto à forma como aconteciam os eventos esportivos, chama a atenção. Na estreia do Team Militar contra o Brasil S.C., foi noticiado que no jogo amistoso entre as equipes teria revertido “o producto dos ingressos, que serão a mil reis, em beneficio da capella de São Sebastião”²⁰¹. Era comum o pagamento de mensalidades dos jogadores para os clubes em que jogavam, mas esse foi o único indício que havia a venda de ingressos para assistir aos jogos.

Logo após a temporada xapuriense, noticiou-se a abertura de novos clubes. “Regristramos satisfeitos a fundação do *Internacional*, club chic, que alem do foot-ball tambem nos proporcionará em dias próximos, atthahentes partidas dançantes, literárias e artísticas”²⁰². Essa foi a única notícia encontrada sobre a associação, que parece ter deixado logo de existir. Algo comum na época, na qual associações e comércios mal

¹⁹⁶ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 22 de julho de 1920, n. 321, p. 3.

¹⁹⁷ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 29 de julho de 1920, n. 322, p. 3.

¹⁹⁸ Notas sportivas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de março de 1921, n. 349, p.3. [grifo meu].

¹⁹⁹ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 21 de julho de 1921, n. 369, p. 3. [grifo meu].

²⁰⁰ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 3. [grifo meu].

²⁰¹ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 25 de novembro de 1920, n. 335, p. 2.

²⁰² Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de agosto de 1920, n. 323, p. 3.

abriam e já baixavam as portas. Devido a essa inconstância havia no Acre um rifão que dizia que “nada no Acre vae avante”²⁰³.

Logo é anunciado a criação de outra associação, o Bota Abaixo, “grupo de futebolistas que ultimamente se constitui e que já tem feito brilhantes trainos”²⁰⁴. Diferente das outras associações, esta não cobraria mensalidades de seus membros. No mês seguinte, em 20 de setembro de 1920, surge outra associação esportiva: Brasil Sport Club²⁰⁵. Times como o Catuaba F.C. e o Brasil S.C. foram criados tendo como integrantes pessoas que já haviam sido membros do Rio Branco F. C. O Catuaba e o Rio Branco F. C. eram, inclusive, ditas equipes irmãs²⁰⁶. Não fica claro nas notícias o motivo da saída dessas pessoas para outros times, mas de toda forma, o número de clubes ia aumentando.

Em 1920 começa a elaboração de uma Liga, a “Liga Acreana de Sports Terrestres”, conhecida também como LAST²⁰⁷, que se concretizou apenas no ano seguinte. A Liga contava com a representação de dirigentes de todos os clubes de futebol ativos naquele ano em Rio Branco e tinha como foco a organização de torneios. O primeiro torneio organizado pela LAST foi denominado “Torneio Início”, e contou com a participação de somente três clubes, ditos os “mais fortes clubs da terra “Rio Branco F.C.”, “Acreano S.C.”, e “Ypiranga S.C.””²⁰⁸. Os jogos deste primeiro campeonato organizado pela LAST aconteceram na praça Rodrigues Alves. Conforme a notícia do primeiro jogo do torneio, em que se enfrentaram as equipes Rio Branco F. C. e Ypiranga S. C., o espetáculo atraiu “não só a população fina da cidade, como o publico em geral”²⁰⁹, contando ainda com o prestígio do governador do Território, das altas autoridades, muitas famílias e todas “as *demoiselles* da *urbs* e arredores acorreram ao *stadium*”²¹⁰.

Logo após o “Torneio início” foi anunciado, para o mesmo ano, outro torneio para a disputa da “Taça Municipal”. O campeonato foi organizado e financiado pela

²⁰³ **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de novembro de 1922, n. 440, p. 1.

²⁰⁴ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de agosto de 1920, n. 323, p. 3.

²⁰⁵ Vida sportiva. **Folha do Acre**, Rio Branco, 23 de setembro de 1920, n. 328, p. 2.

²⁰⁶ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de novembro de 1920, n. 333, p. 3.

²⁰⁷ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 21 de abril de 1921, n. 356, p. 3.

²⁰⁸ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 09 de junho de 1921, n. 363, p. 3.

²⁰⁹ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 3.

²¹⁰ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 3.

LAST e contou com a ajuda do intendente municipal²¹¹. A disputa do torneio foi marcada pelo jogo entre o Rio Branco F.C e o Acreano S.C. De acordo com a descrição, estava “as archibancadas e os arredores do *stadium* repletos de espectadores, notando-se muitas famílias e grande numero de pessoas de alta representação social”²¹².

Paralelamente, ao transcorrer do torneio, o jornal *Folha do Acre* realizava um concurso para premiar a “agregiação sportiva mais sympathica”²¹³ da cidade. Consoante com a nota, o jornal dizia que tal iniciativa iria animar os *sportmens*. E que se “imitou em Rio Branco o que se faz nos grandes e pequenos centros sportivos, para ficar averiguado ao certo, qual das nossas associações de sport tem mais adeptos”²¹⁴. Para a averiguação, as pessoas que desejavam votar teriam que adquirir o jornal e preencher, recortar e enviar para a redação o cupom, que se encontrava na última página do jornal. A agremiação vencedora do concurso ganharia uma bola de futebol, além da publicação de um artigo de honra, na primeira página do jornal²¹⁵.

Tido como o invencível, o time Rio Branco F.C. venceu o torneio “Municipalidade de Rio Branco” e teve sua história exposta na primeira página do jornal. O Rio Branco F.C., de fato parece ter sido uma associação importante para o desenvolvimento do esporte em Rio Branco. Foram os seus membros que construíram na cidade o primeiro campo de futebol, na praça Rodrigues Alves. Além do mais, alguns de seus primeiros integrantes participaram da fundação de outros clubes. O Rio Branco F.C. foi importante para a história das diversões da cidade e é o único clube do período que existe até os dias atuais.

No período de crise econômica – devido ao colapso do mercado da borracha - o Rio Branco F. C. teve que adotar estratégias para manter seus sócios. Em 1921, a mensalidade do clube foi diminuída para 2\$500. Outra medida foi o perdão das dívidas dos sócios²¹⁶. Tal instabilidade parecia atingir não só o Rio Branco F.C., como também os outros clubes esportivos da cidade, que desapareceram ou simplesmente reduziram suas atividades. A euforia esportiva sessou em 1922, quando o primeiro jogo de futebol

²¹¹ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de julho de 1921, n. 367, p. 3.

²¹² Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de julho de 1921, n. 370, p. 2.

²¹³ Concurso. **Folha do Acre**. Rio Branco, 04 de agosto de 1921, n. 371, p. 3.

²¹⁴ Concurso. **Folha do Acre**. Rio Branco, 04 de agosto de 1921, n. 371, p. 3.

²¹⁵ Concurso. **Folha do Acre**. Rio Branco, 04 de agosto de 1921, n. 371, p. 3.

²¹⁶ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 30 de junho de 1921, n. 366, p. 3.

aconteceu somente em julho daquele ano.²¹⁷ No ano anterior as partidas começaram a partir de março²¹⁸. Mas continuava a se notabilizar no jornal notícias sobre futebol, entretanto de outras partes do país ou ainda de campeonatos internacionais.

Nos anos seguintes os times aparentemente permaneceram adormecidos. Apenas em 1926 começa um movimento, encabeçado por José de Mello, tentando a retomada da vida esportiva, quando “são convidados os antigos sócios do Rio Branco Foot-ball Club para uma reunião que se realizará hoje, no edifício da sociedade Tentamen, às 7 horas da noite, afim de reorganizar esse glorioso club”²¹⁹.

Em 1927 um interessante intercâmbio aconteceu, entre um time combinado de Rio Branco que foi a cidade de Cobija, na Bolívia, disputar uma partida de futebol, na comemoração de uma festividade da cidade boliviana²²⁰, vencendo o amistoso o time brasileiro. Na volta ao Brasil os *sportmens* foram calorosamente recebidos com uma *soirée* dançante, na sociedade Tentamen²²¹.

Mesmo enfrentando a adversidade do clima extremamente quente e úmido, com períodos de enchentes do rio Acre, do isolamento político e geográfico, as diversões em Rio Branco se desenvolveram em diversos ramos, destacadamente o futebol ganhou o cenário esportivo durante alguns anos. Mas sem exceção, os diferentes modos de diversão tiveram tempos áureos e períodos de declínio.

2.5 Diversões não úteis

Se por um lado haviam os ramos de diversões ditas úteis, agradáveis, modernas, que eram incentivadas e exaltadas nas páginas dos jornais, por outro, haviam as diversões chamadas de “não úteis”. Estas eram repreendidas, tanto nas notícias do jornal, quanto pela força policial.

Em 1920, em nota, o jornal *Folha do Acre* denunciou que menores de idade estavam jogando bilhares e apostando cigarros e charutos. Conforme se lê: “Nos bilhares junto ao cinema Olympia, reúne-se todos os dias um magote de menores a jogar

²¹⁷ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 06 de julho de 1922, n. 419, p. 3.

²¹⁸ Desportos. **Folha do Acre**. Rio Branco, 31 de março de 1921, n. 353, p. 3.

²¹⁹ R.B.F.C.. **Folha do Acre**. Rio Branco, 04 de julho de 1926, n. 535, p. 4.

²²⁰ Foot-ball. **Folha do Acre**, Rio Branco, 24 de julho de 1927, n. 581, p. 1.

²²¹ Soirée dançante. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de agosto de 1927, n. 585, p. 4.

bascatela, apostando cigarros, charutos, etc”²²². A notícia seguiu dizendo que para crianças era um “sport perigoso” e chamou a atenção da polícia para que tomasse providências.

Os menores protagonizaram outras reclamações. Em 1922, o jornal reclamou que a cidade estava ficando cheia de menores desocupados e “alguns divertem-se pelas ruas incomodando os transeuntes, com o jogo do foot-ball”²²³. Isso demonstra que os homens, de forma geral, que compunham uma elite, eram bem vistos e admirados por jogar futebol, mas para crianças e jovens, que provavelmente não gozavam do mesmo prestígio social, era ilícita a prática do jogo. Como o habitual, a notícia termina com uma solicitação a polícia, que tomasse providências “em relação a vadiagem, proibindo desde logo o divertimento incomodativo”²²⁴. Em 1922 o jornal volta a alertar as autoridades quanto aos menores jogando futebol na rua 6 de agosto, pois os jogos incomodavam os moradores e os transeuntes²²⁵.

Outra notícia sobre os menores chama a atenção. Desta vez, o jornal alerta que uma moça, conhecida como Francisca Igapó, “alem de se dar a embriaguez, é dada a perverter menores, recebendo a policia, há poucos dias”²²⁶. Pareciam ser recorrentes práticas como bebedeiras e reuniões particulares para danças e jogos proibidos. Estes últimos não eram descritos, mas de acordo com a postura municipal, se tratavam de jogos de aposta. Uma moça conhecida como Analia dos Santos foi intimada pela polícia, “para não continuar com as reuniões offencivas a moral, em sua casa”²²⁷ e as senhoritas “Nobre e Silvy de tal para não continuar com o jogo e depravações na casa á rua Alagoas”²²⁸. De acordo com Pereira, haviam casas de prostituição em Rio Branco nessa época, sendo a mais famosa a do italiano Chicarelli²²⁹.

Os botequins também eram alvos das denúncias do jornal. Uma notícia de 1922 afirma que a polícia invadiu o botequim que se situava na Avenida Epaminondas Jacome e prendeu “indivíduos que encontravam na pratica de jogos proibidos”. Esses

²²² Com a policia. **Folha do Acre**. Rio Branco, 17 de janeiro de 1920, n. 296, p. 2.

²²³ Menores vadios. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de janeiro de 1922, n. 394, p. 2.

²²⁴ Menores vadios. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de janeiro de 1922, n. 394, p. 2. [grifo meu].

²²⁵ **Folha do Acre**, Rio Branco, 31 de agosto de 1922, n. 427, p. 2.

²²⁶ Pervertendo menores. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de janeiro de 1922, n. 394, p. 2.

²²⁷ Pela Policia. **Folha do Acre**. Rio Branco, 22 de setembro de 1921, n. 378, p. 2.

²²⁸ Pela Policia. **Folha do Acre**. Rio Branco, 22 de setembro de 1921, n. 378, p. 2.

²²⁹ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002, p. 21.

indivíduos “passaram a noite na hospedaria do posto policial”²³⁰. Em outra nota foi apontado que alguns homens foram presos por serem encontrados “em uma cumbuca de jogo”²³¹. Reuniões particulares também eram alvo das queixas do jornal. Em uma delas, “as reuniões dançantes de Marcellino José Borges, morador á rua da Bolívia, dão logar a queixas etc. por isso o mesmo foi intimado a não fazer o seu forró sem licença da policia”²³².

Entretanto, mesmo autorizando certos eventos, a polícia intervinha em busca de pessoas a jogar os jogos proibidos. Em um festival artístico no Smart Club, a polícia invadiu o espaço e parou o espetáculo para fazer buscas por pessoas jogando. “Com manifesto desrespeito aos presentes, entre os quaes pessoas de reputação firmada na sociedade [...] a policia invadiu inesperadamente, o Smart, interrompendo o festival”²³³. Como se tratava de um evento de pessoas de prestígio social, ao contrário das outras notícias, dessa vez o jornal repudiou a ação policial.

As notas acima foram expostas na coluna policial do jornal. Elas mostram como havia a distinção das diversões lícitas e ilícitas. Tanto notícias sobre essas diversões “ilícitas”, quanto notícias sobre as chamadas diversões “lícitas”, em sua maioria, se referiam basicamente as mesmas práticas. No entanto, quando realizadas por um grupo específico de pessoas, eram consideradas “modernas”, “boas” e “úteis”. Já quando praticadas por outros grupos de pessoas, que pareciam não gozar do mesmo prestígio social, eram consideradas “não úteis”, “ilícitas” ou erradas.

O prestígio e o desprestígio social das pessoas, pode ser percebido na maneira como os diferentes grupos são descritos no jornal. Enquanto grupos ou pessoas de prestígio são exaltadas como “a figura insinuante e distinta do querido sportmen e advogado sr. dr. Mario Oliveira”, as que não gozavam tal distinção eram chamados apenas pelo nome “foi intimada Analia dos Santos”²³⁴.

Contudo, para se divertirem, algumas pessoas burlavam, ou ignoravam recomendações das autoridades, havia certa resistência, principalmente nos casos de embriagues e dos famosos jogos proibidos, que pareciam ser muito comuns na cidade.

²³⁰ Pela policia. **Folha do Acre**, Rio Branco, 09 de março de 1922, n. 402, p. 2.

²³¹ Pela policia. **Folha do Acre**, Rio Branco, 02 de novembro de 1922, n. 436, p. 2.

²³² Pela policia. **Folha do Acre**, Rio Branco, 10 de agosto de 1922, n. 424, p. 3.

²³³ Mais uma façanha policial. **Folha do Acre**. Rio Branco, 02 de maio de 1918, n. 236, p. 1.

²³⁴ Pela Policia. **Folha do Acre**. Rio Branco, 22 de setembro de 1921, n. 378, p. 2.

2.6 Clubes recreativos e outros locais de diversão

A cidade de Rio Branco, a partir de 1918, passou a dispor de locais destinados exclusivamente as diversões. Nesse sentido destaca-se o Smart Club, denominado de “casa de diversão”. O estabelecimento de propriedade do capitão Antonio Rabello²³⁵, oferecia aos seus frequentadores “orquestra de primeira ordem, sob a direção do professor J. Scipião”²³⁶, café e serviço de bar. De acordo com os anúncios publicados no jornal *Folha do Acre*, o Smart Club funcionava todos os dias, depois do Cinema.

No carnaval de 1918, o proprietário do Smart Club promoveu festas carnavalescas. “Teve os seus salões cheios de animação, hurras!, musica, danças, confetts, serpentinas, enfim, cheios de fulia, o *Smart Club*, durante os dias consagrado ao deus Momo”²³⁷. Algumas semanas depois, o clube sediou o festival artístico com Antonia Brandão e a artista espanhola Maria Alonso²³⁸. Entretanto, em 1920, a casa de diversão sessou suas atividades.

Outra casa de diversão da cidade era o *High Life Club*, que aparece nas páginas dos jornais em 1920 - mesmo ano em que o Smart Club encerra suas atividades. A princípio, teve como presidente e dono o coronel Manuel Vasconcellos²³⁹. No carnaval de 1921, o “*High-Life*, abriu os seus salões e proporcionou aos seus frequentadores quatro noites alegres, ao som de chorosos tangos executados pela banda da Força policial”²⁴⁰. Porém, em março de 1921, o espaço passou a ser dirigido pelo tenente José Gabriel Filho, anunciando uma nova fase do High Life²⁴¹. A nova fase não durou muito, pois em 1922, Manuel Vasconcellos reassumiu o estabelecimento. A jornal *Folha do Acre* noticiou a mudança de direção como “um grande acontecimento mundano a reabertura do High-Life”²⁴². Segundo informações do jornal, para a reestrela do clube, “os salões do popular club, fericamente illuminados, estremeceram ao som de esplendidos tangos executados pela banda da Força Policial”²⁴³. A última notícia

²³⁵ FOLHA SOCIAL. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 3.

²³⁶ Smart Club. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 4.

²³⁷ Smart-Club. **Folha do Acre**. Rio Branco, 14 de fevereiro de 1918, n. 225, p. 2.

²³⁸ Festival Artístico. **Folha do Acre**. Rio Branco, 25 de abril de 1918, n. 235, p. 2.

²³⁹ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 24 de abril de 1920, n. 310, p. 3.

²⁴⁰ Carnaval. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de fevereiro de 1921, n. 346, p. 2.

²⁴¹ High- Life Club. **Folha do Acre**, Rio Branco, 10 de março de 1921, n. 350, p. 2.

²⁴² Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de junho de 1922, n. 416, p. 3.

²⁴³ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de junho de 1922, n. 416, p. 3.

encontrada sobre este espaço é também do ano de 1922, quando Vasconcellos solicitou a prefeitura que a casa de diversão pudesse funcionar até depois das 22 horas²⁴⁴.

O Magestic Club, outro estabelecimento de diversão, funcionou entrelaçado ao High Life. Foi inaugurado em 1920 como um clube, contendo estatuto, sócios e eleição de diretoria²⁴⁵. O Magestic funcionou no mesmo prédio do High Life Club, com a diferença que só tinham ingressos seus sócios e respectivas famílias, já no High Life a entrada era franca²⁴⁶. Mas o Magestic encerrou suas atividades no mesmo ano de sua inauguração, voltando em 1922, a funcionar no mesmo prédio o High Life Club.

Mas não eram apenas as casas de diversões as responsáveis pela agitação na cidade. As sedes sociais dos clubes de futebol também se transformavam em ambientes festivos. Na sede do Rio Branco Foot-ball Club, organizaram-se a festa do carnaval de 1920²⁴⁷. Para esses bailes, explicava o jornal *Folha do Acre*, “a phantasia é o traje obrigatório, o que constiurá a nota fina e attrahente do grande baile”²⁴⁸. Além do mais, a sede era o local das reuniões administrativas com os sócios do clube²⁴⁹.

O Acreano Sport Club, outro clube de futebol, também tinha uma sede social na qual havia a realização de festas. Para comemorar o ano novo de 1920, decorreu “animadíssimo o *the tango* que o A.S.C., ofereceu á sociedade rio branquense ás 16 horas do dia de Anno Bom em sua séde social”²⁵⁰. Para comemorar a rendição de *Puerto Alonso* – marco importante na revolta acreana – o Acreano S. C. ofereceu uma *soirée* dançante²⁵¹. No carnaval de 1920 o clube realizou uma “festa dansante” para comemorar a data²⁵². Segundo o jornal, a festa “deixou muito bôa impressão aos que nella tomaram parte”²⁵³. Em 1922 o Acreano S.C. foi reorganizado²⁵⁴ e com isso adquiriu uma nova sede social, que foi inaugurada na comemoração do Centenário²⁵⁵. Em outra festividade, desta vez para receber o novo ano de 1923, o Acreano S.C. realizou “uma elegante festa dançante no salão de sua séde, que regorgitou de

²⁴⁴ A intendência. **Folha do Acre**, Rio Branco, 09 de novembro de 1922, n. 437, p. 2.

²⁴⁵ Magestic Club. **Folha do Acre**, Rio Branco, 31 de janeiro de 1920, n. 298, p. 2.

²⁴⁶ Magestic Club. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de fevereiro de 1920, n. 301, p. 2.

²⁴⁷ Carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 07 de fevereiro de 1920, n. 299, p. 2.

²⁴⁸ Carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 07 de fevereiro de 1920, n. 299, p. 2.

²⁴⁹ Rio Branco F. C. **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de outubro de 1927, n. 593, p. 4.

²⁵⁰ Acreano Sporting Club. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1920, n. 294, p. 2.

²⁵¹ Acreano S. Club. **Folha do Acre**, Rio Branco, 31 de janeiro de 1920, n. 298, p. 2.

²⁵² Echos do Carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de fevereiro de 1920, n. 301, p. 2.

²⁵³ Echos do Carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de fevereiro de 1920, n. 301, p. 2.

²⁵⁴ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco, 24 de agosto de 1922, n. 426, p. 1.

²⁵⁵ O Centenario no Acre. **Folha do Acre**, Rio Branco, 14 de setembro de 1922, n. 429, p. 1.

convidados”²⁵⁶. Nessa festa tocou a banda da Força Policial. Ainda em 1923 o clube abriu os seus salões para uma festa “proporcionando uma noite alegre a seus convidados”²⁵⁷. Nos anos seguintes não há notícias do clube, tampouco da sua sede social.

Os locais onde havia jogos de bilhares também compunham o rol de possibilidades de diversão na cidade. Destas pode-se destacar a Fabrica Victoria, que continha “botequim e um magnifico salão de bilhares”²⁵⁸. Devido a um processo, porém, o proprietário, Manuel Vasconcellos, teve alguns bens penhorados, dentre eles as 3 mesas de bilhares e as respectivas bolas de marfim do jogo²⁵⁹. Depois disso não há mais anúncios da Fabrica Victoria. Outro estabelecimento que oferecia o jogo de bilhar era o Hotel Madrid, que em 1926, anunciou “ter bilhares e bem servido botequim”²⁶⁰. O local era de posse de Moleiro e Esteves, os mesmos donos do Eden Cinema no período.

Em 1924, um projeto encabeçado por Mario de Oliveira foi concretizado, a criação da Sociedade Recreativa Tentamen. Espaço destinado a ser um centro de diversão, no qual ocorreram várias festas. O nome da associação significa tentativa. Este nome foi dado devido ao longo tempo que o projeto da sociedade demorou a ser concluído, algo em torno de oito anos²⁶¹. Segundo Pereira, a Tentamen foi criada para satisfazer os anseios da elite local. A associação era constituída de “seringalistas, autoridades locais, funcionários públicos e comerciantes”²⁶².

Na Tentamen havia festas infantis, como a festa de aniversário da criança Jamana Sackur, filha do comerciante Vamude Sakur, em que houve uma “Tarde Carnavalesca Infantil”²⁶³. Para os adultos havia também bailes carnavalescos e *soirées*. De acordo com a nota, “a Tentamen, victorioso centro familiar de diversão, realizou mais uma *soirée* á fantasia, a qual compareceu elevado número de senhorinhas, senhoras

²⁵⁶ A festa do “Acreano Sporting Club”. **Folha do Acre**, Rio Branco, 04 de janeiro de 1923, n. 445, p. 2.

²⁵⁷ O carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 15 de fevereiro de 1923, n. 451, p. 2.

²⁵⁸ **Folha do Acre**, Rio Branco, 31 de janeiro de 1918, n. 223, p. 3.

²⁵⁹ Edital de praça. **Folha do Acre**, Rio Branco, 21 de fevereiro de 1918, n. 226, p. 3.

²⁶⁰ Hotel Madrid. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1926, n. 510, p. 3.

²⁶¹ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

²⁶² PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002, p. 74.

²⁶³ Aniversarios. **Folha do Acre**, 03 de janeiro de 1926, n. 510, p. 4.

e cavalheiros da nossa sociedade”²⁶⁴. Em outra ocasião, ocorreu uma “brilhante soirée dansante que se prolongou entre sorrisos de fraternidade ate a madrugada”²⁶⁵.

Figura 9: Homenagem do comércio de Rio Branco ao governador Martins, na Tentamen em 1930.



Fonte: Álbum Rio Branco antiga. KLEIN (2013).

Figura 10: Baile carnavalesco da Tentamen, 1932.



Festa de Carnaval no clube Tentamen. Bloco "A música vai mas não toca". ano 1932. Acervo família Fecury.

Fonte: KLEIN (2013).

Uma notícia de 1926 mostra elementos importantes sobre a Tentamen. O primeiro foi quanto à frequência com que as festas aconteciam. De acordo com o programa, as “Tardes Carnavalescas, terão lugar hoje e nos sucessivos domingos: 17, 24, 31 de janeiro corrente, e 7 e 14 de Fevereiro vindouro, das 15 às 18 horas, em sua

²⁶⁴ A tentamen. **Folha do Acre**, Rio Branco, 04 de abril de 1926, n. 522, p. 6.

²⁶⁵ Sociedade recreativa Tentamen. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de junho de 1927, n. 577, p. 4.

sede”²⁶⁶. Ou seja, o programa das Tardes Carnavalescas ocorreriam em 5 domingos consecutivos. Outro elemento importante era a forma como o jornal retratava a associação, sempre elogiosamente – “o elegante, victorioso e querido centro familiar de diversões”²⁶⁷. Havia certa exaltação das ações da Tentamen no jornal *Folha do Acre*, o que pode facilmente ser explicado pelo seu caráter elitista. Dizia-se explicitamente que “a Directoria da Tentamen previne que em seus salões só podem ter ingresso os seus associados e respectivas famílias, ou pessoas expressa e excepcionalmente convidadas”²⁶⁸. A participação nas festas, portanto, era restrita a um pequeno grupo que representava a elite local.

A Tentamen, além disso, em 1926, serviu de local de reuniões para a reorganização do Rio Branco Foot-ball Club.²⁶⁹ A iniciativa foi liderada por José de Mello, que participou de toda a organização do clube nos anos áureos, entre 1919 e 1922.

A Tentamen foi um local significativo na história da cidade de Rio Branco. Segundo Moreira Junior, “o prédio da antiga Sociedade Recreativa Tentamen foi recuperado e o local, hoje, é um dos principais pontos de encontro e realização de festas populares, tais como carnaval, festas juninas e bailes”²⁷⁰. Atualmente, o prédio que abrigou a Tentamen durante décadas foi tombado pelo patrimônio histórico e cultural do Acre²⁷¹.

Outro prédio histórico que fez parte da história das diversões da cidade foi o Eden, que ao longo de toda a década de 1920 abrigou peças teatrais, festivais, reuniões de clubes de futebol, além dos vastos programas de filmes. O local foi inaugurado como cinema – Ideal Cinema - em 1916²⁷², contou com algumas exibições, sem tanto

²⁶⁶ Sociedade Tentamen. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1926, n. 511, p. 1.

²⁶⁷ Sociedade Tentamen. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1926, n. 511, p. 1. [grifo meu].

²⁶⁸ *Idem*

²⁶⁹ R.B.F.C.. **Folha do Acre**. Rio Branco, 04 de julho de 1926, n. 535, p. 4.

²⁷⁰ MOREIRA JUNIOR, Fernando. Patrimônio Histórico e Paisagístico do Estado do Acre. In. ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010, p. 71.

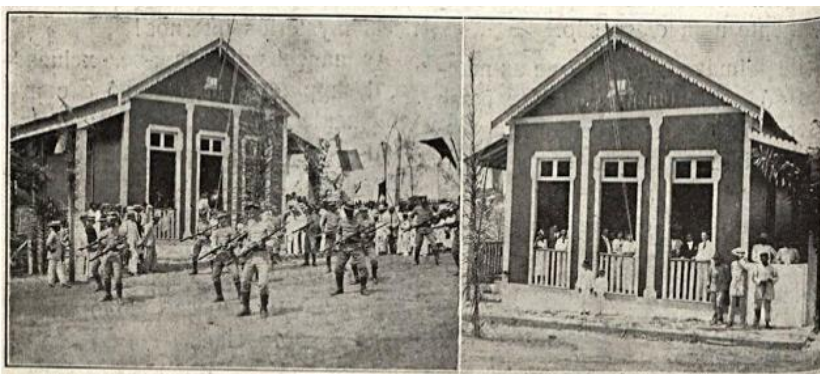
²⁷¹ MOREIRA JUNIOR, Fernando. Patrimônio Histórico e Paisagístico do Estado do Acre. In. ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010.

²⁷² PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

destaque nos jornais. Destaque este que veio a partir de 1920, quando o cinema é vendido para a firma Leonel e Mendes, que mudaram o nome para Eden Cinema²⁷³. Sob a gestão deles (1920- 1921) o Eden foi uma diversão bem frequente na cidade. No ano de 1925 foi vendido e passou a se chamar Cine Theatro Eden²⁷⁴. Alguns anos depois, em 1929, o prédio foi vendido novamente e com a mudança de proprietário, outra mudança no nome, desta vez, Popular Cinema²⁷⁵. Assim como a Tentamen, o Eden foi tombado pelo seu valor histórico para a cidade de Rio Branco²⁷⁶.

Além dos locais especialmente dedicados a diversão, outros espaços que a princípio não foram edificadas com tais propósitos, acabavam sendo utilizados. Esse foi o caso do Grupo Escolar, que comportou a “Soirée Blanche”²⁷⁷, realizada em comemoração ao aniversário da esposa do prefeito do departamento. Abrigou festas cívicas²⁷⁸. O baile de honra ao primeiro governador do Território, Epaminondas Jácome²⁷⁹. E espetáculos teatrais, com as peças “O Natal e Alma Exilada”²⁸⁰.

Figura 11: Inauguração do Grupo Escolar.



Fonte: Fon-fon. 13 de novembro de 1915, n. 46.

²⁷³ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de abril de 1920, n. 307, p. 2.

²⁷⁴ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002, p. 31.

²⁷⁵ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

²⁷⁶ MOREIRA JUNIOR, Fernando. Patrimônio Histórico e Paisagístico do Estado do Acre. In. **ACRE**. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010.

²⁷⁷ Soirée Blanche. **Folha do Acre**, Rio Branco, 23 de setembro de 1920, n. 328, p. 1.

²⁷⁸ O 6 de agosto. **Folha do Acre**, Rio Branco, 11 de agosto de 1921, n. 372, p. 2.

²⁷⁹ Dr. Epaminondas Jácome o seu aniversário. **Folha do Acre**, Rio Branco, 20 de abril de 1922, n. 408, p. 1.

²⁸⁰ Varias. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1920, n. 294, p. 2.

Além do Grupo Escolar, as praças foram importantes nos acontecimentos da cidade, no qual ocorriam, festivais, jogos de futebol²⁸¹, festas cívicas e religiosas, sessões de cinema ao ar livre (realizadas principalmente pelo Eden Cinema)²⁸², entre outras festividades, como o festival de caridade para o Hospital “Augusto Monteiro”, “explendido festival á Praça Tavares de Lyra, em Pennapolis, com cinema ao ár livre, leilão de prendas, tombola e etc”²⁸³.

Figura 12: Praça Tavares de Lyra, por volta de 1918.



Fonte: Álbum Rio Branco antiga. KLEIN (2013).

Uma notícia de 1922 relata que em uma segunda-feira “tivemos musica á tarde na praça Tavares de Lyra, chamando áquelle ponto algumas famílias”²⁸⁴. Conforme Pereira, as pessoas costumavam frequentar as praças aos domingos, que eram animadas pela banda da Força Policial²⁸⁵. Os jornais incentivavam que as famílias frequentassem as praças, era este um habito moderno, condizente com as aspirações da época.

Rio Branco, entre os anos de 1918 a 1927, contou com estabelecimentos de diversão de variadas ordens, como casas de diversão, cinemas, sedes sociais dos clubes, além de locais que não eram, a princípio, locais específicos à diversão, mas que abrigou

²⁸¹ Desportos. **Folha do Acre**, Rio Branco 01 de julho de 1920, n. 318, p. 2.

²⁸² Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

²⁸³ Festival em beneficio ao hospital. **Folha do Acre**, Rio Branco, 26 de agosto de 1920, n. 325, p. 2.

²⁸⁴ O carnaval. **Folha do Acre**, Rio Branco, 02 de março de 1922, n. 401, p. 1.

²⁸⁵ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

eventos de tal natureza, como o Grupo escolar. Estes espaços tiveram papel importante na promoção de oportunidades de diversão na cidade. De toda forma, há em comum entre eles a exaltação da imprensa quanto aos eventos de diversão, na época, considerados modernos e agradáveis lenitivos. Por outro lado, foi um desafio precisar a longevidade de tais locais, pois não eram retratados nos jornais seus fechamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Acre no início do século XX foi marcado por muitas tensões políticas, desde a revolta acreana até as várias reorganizações administrativas. Na cidade de Rio Branco o cenário foi similar, ao longo das duas primeiras décadas do século, o espaço que hoje compreende a cidade, foi de seringal a capital do estado. A atividade extrativa do látex foi importante na história e no desenvolvimento de Rio Branco, esta influenciou a organização física da cidade, os fluxos migratórios que constituíram a sociedade da época, com influências até os dias atuais. E que durante, sobretudo a década de 1900, ditou a economia local e as relações de poder da região. A região amazônica brasileira tinha a hegemonia do mercado internacional da borracha, até por volta de 1911, quando o contrabando inglês de sementes deu certo e o Brasil perdeu espaço no mercado, para a concorrência asiática. E em 1912 toda a região amazônica entra em crise financeira.

A economia foi um fator importante para o desenvolvimento das diversões. Diferente de outros lugares onde o crescimento da economia possibilitou ou até mesmo impulsionou o desenvolvimento das diversões, em Rio branco foi justamente o contrário. A cadeia de aviamentos baseada principalmente no crédito e na troca de mercadorias criou uma relação de dependência dos diferentes sujeitos envolvidos nessa cadeia, fez com que a economia fosse baseada em um só produto, e que houvesse pouca circulação monetária. Além disso, não disponibilizava grandes estoques de capitais monetários, quando a borracha sofreu uma súbita desvalorização, gerou uma aguda crise financeira na região²⁸⁶.

Nos anos que se seguiram na crise houve uma “redução no ritmo e no nível da atividade comercial da Amazônia e uma tendência na direção da diversificação da economia”²⁸⁷. Nesse sentido, parece que a crise da borracha abriu espaço para outros empreendimentos comerciais na cidade, entre eles, o ramo das diversões, como bares, cinemas e clubes sociais. Diferente do usual, no qual “geralmente associam o florescimento de práticas esportivas a um quadro geral de modernização, destacando, especialmente, a urbanização e a industrialização como principais índices desse

²⁸⁶ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

²⁸⁷ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 300.

processo”²⁸⁸, em Rio Branco parece ter sido justamente o contrário, onde a crise econômica foi fator importante para o surgimento das diversões na cidade.

Em 1911 acontecem as primeiras sessões cinematográficas em Rio Branco, realizadas por empresários ambulantes. E no ano de 1913 é inaugurado o primeiro espaço dedicado a exibição de filmes. O cinema, ao que tudo indica, foi uma das diversões mais frequentes na cidade. Foi também o empreendimento mais duradouro no ramo das diversões.

Era frequente na cidade a realização de festas pelos mais diversos motivos, sejam festas cívicas, religiosas, comemoração de aniversários ou de acontecimentos importantes, sendo comuns as afamadas *soirées* dançantes. Nas comemorações, era comum a justaposição das práticas nos programas dos eventos, ou seja, era comum que se realizassem uma sessão de cinema e logo em seguida uma peça teatral e frequentemente contavam com a participação da banda da força policial.

No esporte algumas modalidades eram noticiadas no jornal excepcionalmente como as regatas, o tiro ou o Cross country. No entanto, foi o futebol que ganhou o cenário esportivo. Os primeiros clubes começaram a se organizar por volta de 1919, sendo os anos de 1920 e 1921 de efervescência com a criação de novas associações esportivas, a disputa de campeonatos e a criação da Liga Acreana de Sports Terrestres. Mas nos anos que se seguiram, quase todos os clubes dissociaram-se, ficando apenas o Rio Branco Football Club como remanescente da época.

Destacou-se no período também as diversões ditas “não úteis”, se por um lado havia as diversões de uma elite, que era vista como “útil”, “legítima” e “moderna”, por outro, havia as diversões de pessoas que não gozavam prestígio social e que frequentemente eram reprimidas pelas notícias no jornal e pela força policial. As práticas realizadas eram similares, como jogar futebol. A distinção entre ser legítimo ou não era posta por quem as praticava.

As pessoas que organizavam as práticas em Rio Branco tinham a diligência de não organizarem eventos em mesma data, de forma a não concorrerem o público. Isso demonstra que não havia uma rivalidade entre as organizações. Ao que parece tais

²⁸⁸ DIAS, Cleber; SOUZA NETO, Georgino; SILVA, Igor; MAYOR, Sarah. História do futebol em Minas Gerais. **Revista Tempos Gerais**, v. 3, n. 6, 2014, p. 67.

organizações não competiam com eventos no mesmo dia e horário, uma vez que o público era o mesmo, composto de membros da elite local. Também era uma característica comum nas diversões em Rio Branco, certa aglutinação de diferentes modalidades em uma programação.

Havia na cidade nesse período outra particularidade destacável, que além das limitações estruturais do mercado de consumo do Acre, talvez seja um dos principais elementos a explicar o surgimento de iniciativas para oferta de diversões na cidade, bem como a irregularidade e inconstância dessas iniciativas: as pessoas que residiam na própria cidade estiveram entre as principais responsáveis por organizar e promover as diversões. Algo distinto, por exemplo, de cidades do interior de Minas Gerais que no início do século XX, disfrutavam de circos e grupos itinerantes que passavam algum período na cidade se apresentando²⁸⁹. Em Rio Branco as ações individuais se destacavam na promoção dos divertimentos. Destas é possível salientar duas pessoas, que com seus esforços foram marcantes na história das diversões na cidade, são eles Alfredo Mendes e José de Mello.

José de Mello era coproprietário do seringal Catuaba e advogado, fazia parte da elite rio-branquense, costumava estar presente nas festas, comemorações e recepções de autoridades. Tornou-se uma figura marcante da história do futebol de Rio Branco. Mello foi um dos primeiros jogadores do time Rio Branco Foot-ball Club, frequentemente era elogiado nas páginas dos jornais, dito um jogador muito habilidoso. Foi ele, vice-presidente do Rio Branco F.C.; E fundador, presidente e jogador do Catuaba Foot-ball Club - time de seu seringal. Em 1921 José de Mello voltou a jogar pelo Rio Branco F.C. Neste mesmo ano ele encabeçou o movimento de fundação da Liga Acreana de Sports Terrestres. Entre tantos esforços, em 1922, Mello viajou para o Rio de Janeiro e o Rio Branco F.C. e a LAST diminuíram drasticamente suas atividades. Em 1926 Mello retornou a Rio Branco e liderou o movimento de reorganização do Rio Branco F.C. O estádio onde joga atualmente o Rio Branco F. C., - único time remanescente do período – recebeu o nome de José de Mello²⁹⁰. A história de Zé de

²⁸⁹ Ver: AMARAL, Daniel; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, v. 22, n. 2, 2017; OLIVEIRA, Renata. **O teatro e algumas diversões em Diamantina**: uma história registrada pela imprensa (1888-1930). Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

²⁹⁰ https://ffac.com.br/wp/?page_id=69. Acessado em 05 de novembro de 2018.

Mello em Rio Branco se entrelaça a história do futebol e, sobretudo, a história do Rio Branco Football Club.

A outra figura importante na história das diversões em Rio Branco, Alfredo Mendes, era um entusiasta das artes. Além de ser presença frequente nas festas, bailes, *soirées* e eventos importantes da cidade. Foi responsável por organizar em Rio Branco dois grupos teatrais, o Grupo Dramático União, em 1914²⁹¹, e o Grupo Dramático Rio Branco em 1918²⁹². Mendes escrevia as peças que eram encenadas na cidade, além de dirigir e atuar.

Mendes foi dono do Eden-Cinema no momento áureo do estabelecimento. O Eden, durante os primeiros anos da década de 1920 foi umas das principais formas de diversão da cidade. Entretanto o envolvimento de Alfredo com as diversões não se limitavam apenas as artes cênicas. Em 1918 ele foi voluntário do Tiro Rio Branco, também era sócio do Rio Branco Foot-ball Club. O envolvimento de Mendes com as diversões ultrapassavam a organização e a execução. Ele era colunista do jornal *Folha do Acre*, e sob o pseudônimo Danillo se dedicava a escrever sobre as notícias dos clubes de futebol, a descrever as partidas, principalmente as do Rio Branco F. C., além de notas dedicadas ao teatro, ao cinema, as festas e as casas de diversões, ou seja, Alfredo se dedicava a incentivar e noticiar as diversões na cidade.

Porém, decerto a atividade de maior destaque de Alfredo tenha sido no Eden cinema. Durante o tempo que esteve à frente do estabelecimento entre 1920 e 1921, o cinema foi a diversão mais frequente na cidade, contando com sessões populares e matinês. Nessa época, chegou a ser exibido no Eden 3 filmes diferentes por semana, com uma frequência de 4 sessões cinematográficas por semana²⁹³, o que era considerável para uma cidade com as proporções e nas circunstâncias econômicas de Rio Branco daquele período.

Contudo, em dezembro de 1921 Alfredo Mendes saiu da edição do jornal, deixou de ser sócio do clube de futebol, desfez sua sociedade, deixando o Eden e a A'moda - Leonel seguiu com os negócios - e partiu para o Rio de Janeiro²⁹⁴, para se

²⁹¹ **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de junho de 1914, n. 157, p. 3.

²⁹² FOLHA SOCIAL. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 3.

²⁹³ Cinema. **Folha do Acre**, Rio Branco, 28 de outubro de 1920, n. 331, p. 3.

²⁹⁴ Alfredo Mendes. **Folha do Acre**. Rio Branco, 24 de dezembro de 1921, n. 391, p. 2.

dedicar as artes cênicas. Estabeleceu-se na capital federal abrindo uma tabacaria e matriculou-se na Escola Dramática Municipal do Rio de Janeiro, sob a direção de Coelho Neto²⁹⁵.

Após a saída de Alfredo da cidade de Rio Branco, as frequências das sessões de cinema diminuíram. Entre 1920 e 1921, período em que Alfredo era dono do Eden, foram exibidos 56 títulos diferentes (1920- 32 filmes; 1921 – 24 filmes), nos anos seguintes a sua saída, em 1922 foram exibidos apenas 2 filmes, em 1924 foram exibidos 12 filmes e em 1925, 16 filmes. No ano de 1926, após o cinema ser vendido para a firma Moleiro e Esteves, o número de exibições de filmes novos voltam a ser mais frequentes, somando 41 filmes exibidos e em 1927 apenas 16 filmes²⁹⁶.

A frequência de apresentações teatrais, do mesmo modo, diminuiu após o egresso de Alfredo para o Rio de Janeiro. Entre 1920 e 1921 foram realizadas 9 peças teatrais, das quais 8 foram no Eden Cinema, que era de propriedade dele, e 5 tiveram a atuação ou autoria de Alfredo Mendes. No período de 1922 a 1928 ocorreram apenas 6 apresentações teatrais (1922 - 2; 1925 – 1; 1927 - 1 e 1928 - 2)²⁹⁷.

Assim como José de Mello, Alfredo Mendes foi uma personalidade importante no início da década de 1920, para o desenvolvimento das diversões na cidade de Rio Branco. As histórias de José de Mello e Alfredo Mendes se entrelaçam a história das diversões, pelo empenho das ações desses indivíduos.

Dessa forma, as ações individuais no contexto da cidade de Rio Branco se configuraram como um fator importante do desenvolvimento das diversões. Alguns

²⁹⁵ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de abril de 1920, n. 307, p. 2; Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 2; Tiro Rio Branco. **Folha do Acre**, 04 de abril de 1918, n. 232, p. 1; Alto La. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de maio de 1918, n. 240, p. 3; Na ribalta. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1920, n. 294, p. 1; **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1920, n. 294, p. 2; O cinema. **Folha do Acre**, Rio Branco, 13 de maio de 1920, n. 312, p. 3; **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de setembro de 1920, n. 327, p. 3; Rio Branco Football Club. **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 2; Em benefício da indigência. **Folha do Acre**, Rio Branco, 22 de setembro de 1921, n. 378, p.1; Dissolução de Sociedade. **Folha do Acre**, Rio Branco, 17 de dezembro de 1921, n. 390, p. 4; De viagem. **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de janeiro de 1922, n. 394, p. 2; A exposição do sr. Alfredo Mendes. **Folha do Acre**, Rio Branco, 23 de fevereiro de 1922, n. 400, p. 2; Alfredo Mendes estabeleceu-se no Rio. **Folha do Acre**, 23 de março de 1922, n. 404, p. 3; Alfredo Mendes na Escola Dramática. **Folha do Acre**, Rio Branco, 13 de abril de 1922, n. 407, p. 3.

²⁹⁶ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

²⁹⁷ PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002; Na ribalta. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1920, n. 295, p. 2.

trabalhos demonstram também, ser o fator “indivíduo” um elemento decisivo. No trabalho de Kirk Bowman²⁹⁸ sobre políticas de turismos, no qual compara as cidades de Buenos Aires, Havana, e o Rio de Janeiro, um dos fatores decisivos para as políticas darem certo nas cidades de Buenos Aires e Havana foi a criatividade e competência dos indivíduos responsáveis pela implantação das ações em suas respectivas cidades. E Rudi Rocha *et al*²⁹⁹, mostra os impactos nos índices sociais das colônias de imigrantes em São Paulo, em que os municípios onde haviam assentamentos tiveram maiores índices de escolaridade e de renda per capital, devido ao capital humano. Paglioto e Machado também apresentam contribuições nessa perspectiva, trazendo o conceito de “capital humano”, sendo este a soma do capital pessoal, que seria o acúmulo de experiências anteriores, e envolvem a escolarização e a educação artística, e do capital social que seria fruto da influência de sua rede social. A partir disso os autores traçam o perfil dos frequentadores de atividades culturais³⁰⁰. Em suma, estes trabalhos demonstram que os indivíduos fazem a diferença dentro de um conjunto de circunstâncias.

Os senhores José de Mello e Alfredo Mendes, além de terem sido pessoas de destaque na sociedade rio-branquense, tinham em comum serem pessoas letradas. Trabalhos sobre o contexto atual, como de Botelho e Fiore³⁰¹ e o de Paglioto e Machado³⁰² demonstram a importância do capital humano³⁰³ para o consumo de práticas culturais, destacando-se como um dos fatores principais a escolaridade. Esse provavelmente foi um fator importante para o destaque deles a frente das práticas de diversões na cidade. Assim como a escolaridade de todo o Território do Acre, que de acordo com Ferraro e Kreidlow, as taxas de alfabetismo no Acre em 1920 eram de 35,5%, ficando em 5º lugar no ranking da maior para a menor taxa de alfabetismo dos estados brasileiros, taxa que se equiparava com o estado de Santa Catarina³⁰⁴. Este

²⁹⁸ BOWMAN, Kirk. Policy Choice, Social Structure, and International Tourism in Buenos Aires, Havana, and Rio de Janeiro. **Latin American Research Review**, v. 50, n. 3, p. 135-156, 2015.

²⁹⁹ ROCHA, Rudi; FERRAZ, Claudio; SOARES, Rodrigo. Human capital persistence and development. **American Economic Journal: Applied Economics**, v. 9, n. 4, p. 105-36, 2017.

³⁰⁰ PAGLIOTO, Bárbara; MACHADO, Ana Flávia. Perfil dos frequentadores de atividades culturais: o caso nas metrópoles brasileiras. **Estudos Econômicos** (São Paulo), v. 42, n. 4, p. 701-730, 2012.

³⁰¹ BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo**. Relatório da primeira etapa de pesquisa. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cebrap), 2005.

³⁰² PAGLIOTO, Bárbara; MACHADO, Ana Flávia. Perfil dos frequentadores de atividades culturais: o caso nas metrópoles brasileiras. **Estudos Econômicos** (São Paulo), v. 42, n. 4, p. 701-730, 2012.

³⁰³ Paglioto e Machado trazem esse termo no trabalho, comum na economia, que seria a soma do capital pessoal e social.

³⁰⁴ FERRARO, Alceu; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 2, p. 179 – 200, 2004.

pode ter sido um fator significativo para o desenvolvimento das diversões na cidade de Rio Branco.

De toda forma, as transformações ocorridas na cidade nesse período foram mais comportamentais e retóricas, do que de fato estruturais. A atividade extrativa da borracha não gerou melhoramentos na cidade, até porque não demandava de produtos secundários, nem de estrutura física da cidade, como ferrovias e estradas, pois a via fluvial atendia as necessidades do mercado da borracha, para o escoamento do produto. Além do mais, havia pouco amparo governamental para que houvesse transformações maiores na cidade.

Em Rio Branco mesmo com pouco amparo governamental e em um período de crise financeira as diversões se desenvolveram, destacadamente três fatores parecem ter contribuído para tal, a diversificação do mercado no período de baixa da borracha, as ações individuais e o capital humano, especificamente os níveis educacionais da população no período. Talvez pelo fato das ações individuais terem sido um dos principais fatores, que muitas diversões se encerravam rápido, pois dependiam muito do entusiasmo das pessoas, em um período de pouco dinheiro. Mas nitidamente os anos de 1920 e 1921 foram o de maior efervescência e entusiasmo no ramo das diversões, com a grande frequência das sessões de cinema, das peças teatrais, festivais, festas e os torneios de futebol. As diversões desenvolveram-se mesmo que de forma oscilante com momentos de maior ou de menor atividade.

REFERÊNCIAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. - Rio Branco: SEMA, 2010.
- AMARAL, Daniel; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, v. 22, n. 2, 2017.
- ANDRADE, José; LIMOEIRO, Danilo. Rui Barbosa e a política externa brasileira: considerações sobre a Questão Acreana e o Tratado de Petrópolis (1903). **Rev. Bras. Polít. Int.** v. 1, n.46 p. 94-117, 2003.
- ARRUDA, Maria Arminda. Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950. **Tempo social**, v. 17, n. 1, p. 135-158, 2005.
- BEZERRA, Maria; NEVES, Marcos. Trajetórias Acreanas – Índios, Seringueiros, Ribeirinhos, Sírio-Libaneses e Sulistas Como Atores da Formação do Acre. *In*: ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010.
- BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo**. Relatório da primeira etapa de pesquisa. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cebrap), 2005.
- BOWMAN, Kirk. Policy Choice, Social Structure, and International Tourism in Buenos Aires, Havana, and Rio de Janeiro. **Latin American Research Review**, v. 50, n. 3, p. 135-156, 2015.
- BRASIL. Ministério da agricultura, indústria e commercio. **Recenseamento do Brazil 1920**. Typ. Da estatística, Rio de Janeiro, 1927.
- BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização**. 1. ed. Porto Alegre: Quatro Projetos, 2012.
- COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rio de Janeiro, v. 5, 2011.
- COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. Rio Branco: Fundação Cultura/Ministério da Cultura, 1998.
- CUNHA, Euclides. **À margem da história**. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. São Paulo: Ministério da cultura, 2015.
- DIAS, Cleber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la historia del deporte**, n. 10, 2012.
- DIAS, Cleber; SOUZA NETO, Georgino; SILVA, Igor; MAYOR, Sarah. História do futebol em Minas Gerais. **Revista Tempos Gerais**, v. 3, n. 6, 2014.

FERRARO, Alceu; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 2, p. 179 – 200, 2004.

KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações (1904 - 1945)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KLEIN, Daniel. A Amazônia no Ciclo da Borracha: populações e economia no Acre, Amazonas e Pará entre 1880 e 1920. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 8, n. 2, p. 165 – 189, 2012.

MELO, Victor. Sobre o conceito de lazer. **Sinais sociais**. Sesc. v.8, n. 23, 2013.

MELO, Vitor. FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

MIRANDA, Mariana. Surtos de Crescimento em Rio Branco – AC. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, v. 3, n.1, p. 101-128, 2013.

MOREIRA JUNIOR, Fernando. Patrimônio Histórico e Paisagístico do Estado do Acre. *In*. ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II, escala 1:250.000/ Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010.

OLIVEIRA, Renata. **O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1930)**. Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PAGLIOTO, Bárbara Freitas; MACHADO, Ana Flávia. Perfil dos frequentadores de atividades culturais: o caso nas metrópoles brasileiras. **Estudos Econômicos** (São Paulo), v. 42, n. 4, p. 701-730, 2012.

PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema? Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

PIRES, M; DA NOBREGA, N. As capitais do acre: a cidade e os poderes. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

PONTES, Carlos. O primeiro ciclo da borracha no acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre**, v.1, n.1, p. 107 – 123, 2014.

ROCHA, Rudi; FERRAZ, Claudio; SOARES, Rodrigo. Human capital persistence and development. **American Economic Journal: Applied Economics**, v. 9, n. 4, p. 105-36, 2017.

ROSSI, Mirian. Circulação e mediação da obra de arte na Belle Époque paulistana. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 6, n. 1, p. 83-119, 1999.

SANTOS, Flávia. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)**. Tese (doutorado estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. v. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

SOUZA, Eliza. **Panorama do esporte em Manaus - 1897 a 1911**. Dissertação (mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Sérgio. **Fabulas da modernidade no Acre: A utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SOUZA, Sergio. Poder público, saberes médicos e medicina popular no Território do Acre (1904-1930). **Muiraquitã**, UFAC, v. 3, n. 2, 2015.

TOSH, John. **A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VILHENA, Kellen. Teatro, cinema e outras diversões nos primórdios de Belo Horizonte. *In*: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (org.). **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.